

**A Abertura Política de 1973 a 1981:
Quem Disse o Quê, Quando – inventário de um debate (*)**

*Marcus Faria Figueiredo
José Antônio Borges Cheibub*

Introdução

Tornar este país uma democracia, segura e duradoura, tem sido a intenção declarada de quase todos que apareceram publicamente falando sobre o assunto, inclusive todos os Presidentes do regime pós-64. Sabemos, contudo, que entre a intenção e a ação existe uma distância política a ser percorrida, que se caracteriza, hoje, pela permanente tensão entre o tempo físico e o tempo político que o processo de democratização vem absorvendo. Trata-se da questão sobre a velocidade desse processo.

Esta tensão teve sua origem (como veremos com mais detalhes adiante) no confronto de duas estratégias globais: de um lado a proposta de descompressão lenta e gradual; de outro a proposta de convocação imediata de uma As-

sembléia Constituinte. Quer pela inércia, quer pela impotência política da Oposição, quer ainda por questões de ordem tática, o fato é que a cronologia dos discursos e dos fatos mostra-nos que a estratégia lenta e gradual de descompressão acabou por prevalecer, embora, algumas vezes, mais lenta do que gradual.

O sucesso dessa estratégia, acreditamos, não está nas virtudes comumente apontadas, mas fundamentalmente no seu corolário, como formulado pelo professor Samuel Huntington: "a possibilidade de recompressão depende da velocidade da descompressão" (*Jornal do Brasil*, 10/02/74). Este é o fantasma que tem permeado todos os debates e, de certa forma, servido de parâmetro para as estratégias de ação dos diversos atores políticos que participam do jogo da abertura.

(*) O inventário comentado sobre a Abertura Política aqui apresentado originou-se do trabalho de seleção e organização das fontes para o projeto Representação e Transição Política no Brasil, sob a direção de Marcus Faria Figueiredo, tendo como assistente José Antônio Borges Cheibub. Apóiam este projeto: Fundação Ford, Dotação n.º 739-0817-DS31; CNPq, proc. n.º 300.376/80CS07; CNPq, proc. n.º 105.320/80; Convênio IUPERJ/FINEP (1980). O levantamento do material que se segue foi feito no Arquivo de Jornais Contemporâneos do Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (CPDOC); completado com coleções de Alexandre Barros, Wanderley Guilherme dos Santos, Paulo Sérgio Moraes e Sá e as nossas próprias; e consultas aos jornais *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Movimento*, *Opinião* e *Em Tempo*.

Para melhor compreendermos o debate sobre a abertura política temos que estabelecer os momentos-chave desse processo. Cinco acontecimentos políticos, ocorridos entre setembro de 1973 e março de 1974, são importantes para a definição de seu início: em 15/09/73 o General Geisel é escolhido candidato da Arena à Presidência da República e, como de praxe, faz declaração de intenção pela democracia; em 20/09/73 o Professor Wanderley Guilherme dos Santos faz palestra no Instituto de Pesquisas, Estudos e Assessoria do Congresso (IPEAC), seguida de debate com parlamentares, onde expõe e defende a tese da descompressão política gradual; em 15/01/74 o General Geisel é eleito indiretamente Presidente da República, reiterando sua intenção pela democracia; em 10/2/74 o Professor Samuel Huntington, em visita ao Brasil, faz declarações aos jornais defendendo sua forma lenta e gradual de descompressão, na forma de aconselhamento ao governo Geisel; finalmente, em 19/03/74 o Presidente Geisel, indo além da simples declaração de intenção pela democracia, parte para uma ofensiva: em sua primeira reunião ministerial, afirma desejar ver os instrumentos excepcionais com os quais o governo achava-se armado, superados, apelando, para tanto, à "imaginação criadora" dos políticos e da sociedade.

A partir desse momento inicial os principais líderes políticos, articulistas e intelectuais do país lançam-se decididamente neste debate, ocupando, até 1977, um grande espaço na imprensa.¹

O segundo momento do processo de abertura política — a cronologia dos discursos e dos fatos nos mostra — é marcado por uma queda na intensidade do debate devido à perda de credibilidade nas intenções do Governo após o retrocesso político causado pelo "Pacote de Abril".

Em agosto de 1977 inicia-se a reação aos efeitos do "Pacote", notadamente com a leitura da Carta aos Brasileiros pelo jurista Goffredo da Silva Telles, dando conta da indignação nacional em relação aos acontecimentos recentes.

Este terceiro momento do processo, a nosso ver o mais importante, vai de setembro de 1977, com o início da 1.^a Missão Portella, até fins de 1980, quando é derrotado no Congresso

Nacional o projeto de restabelecimento das prerrogativas do Poder Legislativo, dos deputados Djalma Marinho e Célio Borja, ambos dissidentes do já constituído PDS. É neste instante (*Jornal do Brasil*, 12/10/80) que o Senador Tancredo Neves (PP-MG) adverte que "a abertura enalhou" e que o "o espírito do AI-5 ainda sobrevive no Governo".

A inegável importância desse período está na ocorrência de quatro fatos políticos que alteraram substancialmente a configuração do jogo da abertura.

Inicialmente, temos a Missão Portella, através da qual o Governo negociou com todos os setores da sociedade a superação dos instrumentos excepcionais, e cujos resultados (sem entrar em seu mérito) estão nas reformas políticas que antecederam a posse do General Figueiredo na Presidência da República, em 15 de março de 1979.

Temos, em seguida, o surgimento de dois novos atores políticos coletivos, constituindo cada qual um fato político importante: de um lado, os "Novos Empresários", liderados pelo chamado Grupo dos Oito que, em 27/06/78 (*Jornal do Brasil*), lança documento comprometendo-se com o processo de democratização do país e rompendo com a acomodação política do empresariado à sombra do poder central. Este grupo, já então liderado pelo sr. Luís Eulálio Bueno Vidigal, ganha as eleições na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) em 04/09/80.

De outro lado, surge também neste período um movimento operário novo, distinto do que o país já conhecia. Liderado pelos metalúrgicos do ABC paulista, tendo à frente o líder sindical Luís Inácio da Silva, o Lula, conquista um espaço político próprio, independentemente do desejo dos demais atores existentes, ao romper o cerco da repressão e conseguir trazer para o cenário nacional novas formas de atuação política.

Finalmente, é neste período, também, que ocorre a reformulação partidária, cujo resultado é o estabelecimento de um novo espectro político com conformações político-ideológicas relativamente claras e com estratégias políticas bem definidas, a despeito da incorporação do PP ao PMDB recentemente ocorrida.

¹ Entre 1974 e 1977 ocorreram vários fatos políticos que influíram no debate, se tivéssemos as eleições de 1974, de 1976 além de outros como a morte de Wladimir Herzog em 1975. A periodização do debate que estamos fazendo nem sempre coincide com fatos dessa magnitude, mas com aqueles que diretamente alteraram o sentido e o conteúdo do debate sobre a abertura.

O momento atual do processo de abertura é marcadamente voltado para o estabelecimento de regras para o exercício da luta política: uma vez "definidos" os limites de abertura e os novos atores coletivos a serem incorporados no espaço político nacional, passou-se à organização da luta política substantiva. A fase atual é crucial para o tipo de democracia que teremos, pois o momento resume-se *na luta política para organizar a luta política futura que será, então, sobre a substância da democracia.*

Esquemáticamente podemos dizer que as três primeiras etapas do processo tiveram a sua importância no estabelecimento dos limites e estratégias para a ação política dos diversos atores. Agora, a questão está centrada nas regras do exercício da política, e dessas regras muito dependerá o escopo e a substância que o termo democracia terá no futuro próximo.

O trabalho que aqui apresentamos tem por objetivo recuperar o debate no sentido de explicitar as diversas propostas e estratégias formuladas pelos diferentes atores que tomaram e estão tomando parte neste processo de transição política.

Durante o período de coleta, organização e seleção desse material observamos que três questões estavam sempre juntas: o porquê da abertura na opinião dos atores, a estratégia sugerida para chegar à democracia e o tipo de democracia que, explícita ou implicitamente, os atores formulavam. Nesse sentido, resolvemos organizar a apresentação deste inventário de opiniões comentadas a partir do seguinte esquema:

1. O Porquê da Abertura
2. Estratégias
 - 2.1. Descompressão e Caminhos para a Democracia
 - 2.2. Reforma Partidária e Participação Política
 - 2.3. Reforma Constitucional
3. Modelos Terminais: as Democracias Propostas

Cada seção tem uma breve introdução onde são destacados os temas recorrentes, seguida da relação de entrevistas e artigos em ordem cronológica.

A ordem cronológica é importante pois os temas recorrentes e as propostas políticas apresentadas ganham muito em relevância tendo em vista o desenrolar dos fatos ao longo do período pesquisado.

Entretanto, independente do momento em que aparecem, há um pequeno conjunto de depoimentos e artigos que merecem ser destacados pela importância como peças fundamentais para a análise da experiência de transição pacífica do autoritarismo para a democracia que vem vivendo o país.

Observamos que estes destaques constituem, na maior parte dos casos, material de natureza diferente do que se encontra arrolado no inventário. Cremos, contudo, que sua importância permanece, e deve ser ressaltada, na medida em que oferecem parâmetros para a leitura não só do material disperso dos autores das peças que destacamos, mas também para a leitura de todos os artigos e entrevistas que encontram-se arrolados neste trabalho.

Neste sentido, destacam-se a palestra do General Golbery realizada na Escola Superior de Guerra em 01/07/80, publicada posteriormente sob o título *Conjuntura Nacional: o Poder Executivo* (Rio, José Olympio, 1981); o artigo de Bolívar Lamounier e Amaury de Souza, "O Governo e os Sindicatos no Brasil: a perspectiva dos anos 80" (*Dados*, vol. 24, n.º 2, 1981); os artigos de José Álvaro Moisés reunidos no livro *Lições de Liberdade e Opressão* (Rio, Paz e Terra, 1982); e o debate sobre os condicionantes econômicos e políticos da abertura promovido pelo Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (Idesp) e *Jornal da Tarde*, em julho de 1981, posteriormente publicado sob o título *O Futuro da Abertura: um debate* (Bolívar Lamounier e José Eduardo Faria (orgs.), São Paulo, Cortez Editora, 1981).

Sobre as grandes estratégias, são peças fundamentais a palestra do General Golbery, já mencionada, o artigo de Wanderley Guilherme dos Santos, "Para uma Estratégia de Descompressão Política" de setembro de 1973 (*Jornal do Brasil*), posteriormente publicado, juntamente com o debate realizado no IPEAC, em seu livro *Poder e Política: Crônicas do Autoritarismo Brasileiro* (Rio, Forense Universitária, 1978).

Na linha da reforma partidária e participação política, o debate mais rico é sobre a participação dos empresários e a criação do Partido dos Trabalhadores - PT, pelo fato de constituírem, como já apontamos, atores coletivos novos e independentes dos antigos participantes do jogo da abertura.

Temos aí, fundamentalmente, a série de seis entrevistas publicadas, entre 12 e 20 de dezembro de 1978, pela *Folha de São Paulo*, sob o título geral "A Democracia dos Empresários" e a enquete realizada pela revista *Senhor*, de

19/11/81, com 40 empresários, sob o título "O Empresário deve participar da política?". Do lado dos trabalhadores, Francisco Weffort e Luis Inácio da Silva, o Lula, oferecem-nos as peças mais importantes para esse debate.

Sobre a estratégia da reforma constitucional não há o que destacar, pois na verdade este debate, embora importante, foi residual: o debate real sempre foi o da posição gradualista *versus* a posição que defendia a convocação imediata de uma Assembléia Constituinte. No ano de 1981 e mais recentemente o tom do debate sobre a reforma constitucional tem sido dado pelos juristas Afonso Arinos, Miguel Reale e Raymundo Faoro e o Senador Jarbas Passarinho. O tema da Constituinte está, sem dúvida, tornando-se hoje uma peça estratégica importantíssima na transição que vivemos.

Se alguém quiser aprofundar esta questão terá como fontes principais os depoimentos de Arinos e Passarinho, o livro de Raymundo Faoro, *Assembléia Constituinte e a Legitimidade Recuperada* (São Paulo, Brasiliense, 1981) e a série de artigos de Miguel Reale publicados no *Jornal do Brasil*.

Para o último tema do inventário que fizemos — Modelos Terminais: as Democracias Propostas —, destacam-se o artigo de José Álvaro Moisés "Democracia — da que temos para a que queremos", de 25/03/75 (*Opinião*); as entrevistas do Senador Petrônio Portella; a série de entrevistas "Democracia dos Empresários", da *Folha de São Paulo*; a longa entrevista de Fernando Henrique Cardoso, publicada na forma de livro sob o título *Democracia para Mudar* (Rio, Paz e Terra, 1978); e a resposta-debate de Carlos Nelson Coutinho a F. H. Cardoso, em seu artigo "A Democracia como Valor Universal" (*Revista Civilização Brasileira*, n.º 9, 3/1979).

Para encerrar esta introdução devemos ressaltar um ponto que nos parece crucial, até mesmo angustiante.

No decorrer da leitura para a organização e seleção do material que veio compor este inventário, percebemos um debate intenso sobre as estratégias para se chegar à democracia. Foi-nos, contudo, extremamente difícil extrair dos depoimentos dos atores políticos *que tipo* de democracia pretendem atingir.

A exceção está com intelectuais como B. Lammounier, F. H. Cardoso, F. Weffort, J. A. Moisés, C. N. Coutinho e outros. Estes, no entanto, por dever de ofício, têm de ser claros e articulados em suas propostas.

O que nos angustia, neste particular, é o fato dos atores políticos (não-intelectuais), colocados em posições estratégicas de decisões po-

líticas importantes, não serem claros e articulados o suficiente para oferecer sequer um esboço do que pretendem. A sensação desconfortável surge com a impressão de que os "negociadores" da transição brasileira, tanto da situação quanto das oposições, tanto do lado dos empresários quanto do lado dos trabalhadores, tacitamente acordaram caminhar, cada um por si, para um vácuo institucional, ao qual estão dando o nome de democracia, com ou sem adjetivos, deixando então a sua forma, o seu escopo e a sua substância, por conta da dinâmica do jogo político.

Não reclamamos aqui a necessidade de algo como o "Pacto de Moncloa" mesmo porque este tipo de acordo em geral exclui *a priori* atores que poderiam ganhar legitimidade pela conquista de novos espaços políticos.

O que nos falta é ainda algo anterior a esse tipo de acordo. Falta-nos uma definição clara, por parte de *todos os atores*, sobre quais princípios políticos democráticos *todos* respeitarão. Falta-nos um acordo sobre o único princípio que é simultaneamente fundamental para todos: *o direito de existência e de sobrevivência política de cada ator político, a despeito da vontade dos demais*.

1. O Porquê da Abertura

A partir de um certo momento houve uma concordância geral sobre o fato de que o país começava a entrar num período de transição política. Por motivos diversos, atores e analistas começaram a produzir explicações sobre as razões dessa transição. Como veremos a seguir, as razões apontadas são diferentes, e contraditórias em alguns casos.

Excluindo-se explicações vazias de conteúdo, de puro efeito retórico, como por exemplo a de que a abertura deve-se a um "cansaço das massas" em relação a uma ditadura que já caminha para o fim da sua 2.^a década, ou a de que houve uma exaustão do ideário da Revolução de 1964, foram produzidas pelo menos cinco linhas de interpretação do processo de abertura desencadeado durante o Governo Geisel. Esquemáticamente estas interpretações são as seguintes:

1. *A Abertura Política como Fruto da Crise Econômica*: dada a crise econômica que o país passa a viver a partir de meados da década de 70, houve a necessidade de se estabelecer um novo pacto político no sentido de garantir o funcionamento do

modelo econômico vigente (por exemplo: Roberto Saturnino Braga, 30/6/76, e 25/5/77, Luís Antônio Marrey, 17/8/77; Raymundo Pereira, 14/12/77; Luiz Carlos Bresser Pereira, 24/12/77).

2. *A Abertura como Fruto da Complexidade Econômica*: a diversificação do país exigindo que o complexo de interesses sociais surgidos a partir de então fosse gerenciado pela via do desenvolvimento político (por exemplo: Roberto Campos, 11 e 18/9/74; Severo Gomes, 28/7/76; Fernando Henrique Cardoso, 11/3/77, Teotônio Vilela, 30/11/77; José Mindlin, 13/12/78).
3. *A Abertura como Busca de Legitimidade para o Sistema*: a necessidade de se institucionalizar uma forma política que aumentasse o grau de participação na medida em que as formas de legitimação utilizadas até então, o êxito econômico e a coerção, tornaram-se excessivamente custosos (por exemplo: Mangabeira Unger, 6/4/77; Afonso Arinos, 21/2/79).
4. *A Abertura como um Ato de Vontade do Governo Geisel*: para os que defendem esta idéia, a abertura é um projeto do "grupo castelista", que, ao reassumir o poder, pretende "corrigir os rumos" da Revolução de 1964 (por exemplo: Gláucio Ary Dillon Soares, 05/1/77, Mino Carta, 21/2/79).
5. *A Abertura como Fruto de uma Crise de Autoridade*: a abertura como resposta à excessiva centralização de poder que provocava um colapso dos mecanismos de mando e obediência e uma inoperância na execução das decisões tomadas a nível central (por exemplo: José Alvaro Moisés, 5/7/78; Bolivar Lamounier, 16/3/80, Golbery do Couto e Silva, 10/10/80).

Cabe ressaltar, finalmente, que como resposta ao Porquê da Abertura encontramos formulações de dois tipos: aquelas que respondem ao fato passado, ou seja, porquê abriu, e aquelas que possuem uma intenção de convencimento, ou seja, porquê deve abrir. A razão do aparecimento de pessoas de diferentes posições políticas dando uma "mesma" interpretação para a abertura deve-se ao fato de que a distinção acima não foi levada em consideração para efeito de inclusão na relação que se segue.

2. Estratégias para a Abertura

2.1. Descompressão e Caminhos para a Democracia

A unidade do material reunido nesta seção encontra-se no fato de que contém formulações explícitas sobre como o processo de abertura deve ser conduzido e qual deve ser o comportamento dos atores políticos durante este processo.

Nos seus primeiros anos o debate gira em torno de estratégias globais para a descompressão política. Debate restrito, foi inicialmente suscitado pelo artigo "Uma Estratégia para a Descompressão", de Wanderley Guilherme dos Santos (*Jornal do Brasil*, 30/9/73). Três meses depois, em janeiro de 1974, Samuel Huntington acrescenta a esse debate a sua concepção de descompressão política e para ela oferece uma estratégia. No entanto, somente em agosto de 1974 é que este debate se expande, envolvendo-se nele W. G. dos Santos, F. H. Cardoso, Francisco Weffort e os jornalistas Carlos Castello Branco e Oliveira Bastos. Discute-se, nesse primeiro momento, até fins de 1976, a velocidade de implementação de um projeto de descompressão, tendo-se em vista os riscos de um retrocesso e o significado e conseqüências dessa estratégia. Embora não possamos afirmar que se tenha chegado a um consenso sobre esta questão, observamos que pouco a pouco o eixo do debate, já generalizado, desloca-se para questões mais específicas suscitadas pelo desdobramento dos acontecimentos políticos, cuja velocidade percebida é por todos, senão aceita, pelo menos admitida como inevitável.

Esse deslocamento do debate ocorre na medida em que os diferentes atores vêm-se na contingência de se posicionar diante de acontecimentos cuja importância para o processo de abertura é crucial. É assim que, ao examinarmos o discurso dos atores relacionando-os com os principais acontecimentos políticos do período, como por exemplo as eleições municipais de 1976, a crise de abril de 1977, a reforma constitucional de 1978 ou a iminente, e não realizada, reforma eleitoral de 1980, podemos observar que gradativamente as posições vão se delineando como num jogo, em que a preservação dos pontos obtidos entra nos cálculos dos lances seguintes.

Observe-se que não foi nossa intenção na listagem que se segue fornecer o material sobre as discussões dos temas específicos do processo de abertura. O material aqui reunido mostra, em seu conjunto, justamente a passagem de um de-

bate bastante restrito sobre as estratégias globais de descompressão para um debate sobre as etapas de processo em pleno desenvolvimento. A questão-chave desse debate é a tensão entre a estratégia gradualista e a estratégia da "Constituinte, já".

2.2. Reforma Partidária e Participação Política

Os dois itens que se seguem contêm, estes sim, o debate sobre as formas de atuação cotidiana dos atores em relação a temas específicos do processo de abertura.

Do ponto de vista do Governo, a reformulação partidária colocava-se como questão desde as eleições de 1974, quando a vitória do MDB demonstrou que o esquema bipartidário era falível na garantia do controle sobre o Congresso, e, conseqüentemente, sobre o Colégio Eleitoral que elege o Presidente da República.

A estratégia adotada pelo Governo foi revelada pelo General Golbery do Couto e Silva em sua palestra na Escola Superior de Guerra (*Veja*, 19/10/80), tendo consistido na desarticulação do bloco oposicionista para garantir ao governo uma ampla liberdade de ação através de manobras com as várias frentes de oposição que surgissem.

Do ponto de vista da Oposição, podemos identificar três grandes estratégias para a reformulação partidária:

- 1) *A manutenção da unidade do MDB*, recusando qualquer discussão em torno da criação de novos partidos na medida em que só trariam benefícios para o Governo (Franco Montoro, 11/6/78; Thales Ramalho, 29/11/78; Modesto da Silveira e outros, 21/3/79).
- 2) *A manutenção da unidade do MDB, ressaltando, porém, o papel transitório desta unidade* (principalmente em face das próximas eleições). Dado este papel transitório do MDB, considera-se legítima, e mesmo proveitosa, a disseminação da discussão no sentido da criação de novos partidos políticos num futuro próximo (Almino Afonso, 14/3/79; Miguel Arraes, 22/8/79).
- 3) *Criação imediata de novos partidos*, acentuando que ao adquirir identidade própria, antes de beneficiar o governo, tais partidos estariam consolidando e impulsionando o processo de abertura política (os principais defensores desta posi-

ção são Luís Inácio da Silva e Leonel Brizola).

No que se refere à participação política os diversos setores sociais assumiram estratégias múltiplas.

1) *Empresários* – Os empresários rejeitaram a idéia de criação de um partido político próprio. Para este grupo a discussão central passou a ser: a) se o empresário deve ou não participar da vida partidária, e b) se os empresários deveriam ou não "eleger" um dos partidos existentes como seu fiel representante. A segunda questão tornou-se logo inviável devido às clivagens existentes dentro do grupo. Quanto à primeira, o debate persiste. No entanto, na prática observamos que aqueles que defendem a necessidade de participação político-partidária ingressaram nos partidos. Os opositores dessa posição não ingressaram e argumentam que assim podem melhor exercer suas funções de liderança classista e mais livremente representar os interesses da classe onde quer que seja necessário.

2) *Trabalhadores* – Para os trabalhadores a clivagem foi a criação ou não de um partido próprio.

O resultado desse debate, como sabemos, foi a divisão. Um grupo, liderado por Lula, criou o Partido dos Trabalhadores, PT. O outro grupo subdividiu-se entre o ingresso ou não nos demais partidos. Alguns entraram em diferentes partidos e outros não.

O argumento básico para a criação do Partido dos Trabalhadores é o de que os demais partidos, dada a sua composição, não são capazes de representar o interesse dos trabalhadores. Ademais, e este é o argumento mais forte, argumentam que historicamente os partidos nunca puderam defender os interesses dos trabalhadores.

3) *Para os demais setores sociais* a questão da participação é uma questão de preferência pessoal, ao contrário dos empresários e trabalhadores que discutiram em termos de uma estratégia para o setor como um todo.

2.3. Reforma Constitucional

No debate sobre a reforma constitucional confrontam-se, basicamente, os que defendem o gradualismo como a melhor forma de realizá-la e os que defendem a elaboração de uma nova Constituição através da convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte.

O debate, contudo, evoluiu para um impasse na medida em que os que se colocam contrários à Constituinte, argumentando que não houve uma ruptura que justificasse a elaboração de uma nova Carta, são os que possuem o poder de convocá-la (o Governo), ao passo que os que se colocam a favor da Constituinte não possuem tal poder. Neste sentido, dado novo foi introduzido no debate por Afonso Arinos quando, em 1980, sugeriu que o Congresso concedesse poderes constituintes ao Congresso a ser eleito em 1982. Argumentou-se, em contraposição a Afonso Arinos, que o Congresso já possuía poderes constituintes, não sendo necessário que se lhe concedesse poderes especiais para reformar a Constituição.

O debate sobre a reforma constitucional prossegue, com novos elementos. A proposta do senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), foi a da convocação extraordinária, pelo Governo, do Congresso, durante o recesso parlamentar de fim de ano, ou seja, convocar para dezembro de 1982, poderes constituintes; Congresso então em atividade. Prever alguma saída para esse impasse é quase impossível. O fato é que o sentimento da necessidade de uma constituinte atingiu até mesmo o lado conservador do PDS.

3. Modelos Terminais: As Democracias Propostas

Esta seção fornece o material que contém algum tipo de formulação, por parte dos atores envolvidos no processo de abertura, sobre o tipo de democracia que desejam alcançar.

Os dados aqui reunidos não incluem artigos de intelectuais e jornalistas políticos. Estes só aparecem quando participantes de entrevistas ou debates. A razão para esta decisão é simples. A nossa intenção é a de recuperar o debate sobre a democracia desejada através das opiniões e demandas dos atores políticos propriamente ditos. Intelectuais e jornalistas são naturalmente mais claros e articulados em suas análises e propostas, mas não constituem o alvo principal. Procuramos também restringir este material aos atores mais representativos das diversas correntes de opinião que formaram ao longo do processo da abertura. Neste sentido, a seleção realizada nesta seção baseou-se mais na importância da opinião individual de quem produziu o dis-

curso. Esta importância foi inferida através da possibilidade de as formulações individuais em questão serem adotadas ou entendidas como sendo a de um determinado grupo. Tal possibilidade coloca-se na medida em que estes atores possuem algum poder de decisão ou de alta influência nos *loci* públicos em que atuam.

Para recuperar este debate elaboramos um quadro-síntese onde estão articulados instituições políticas e objetivos a serem atingidos. Assim, o Quadro I, a seguir, tem apenas valor heurístico. Como tal não tem história, é estático. O seu objetivo é, então, o de simplesmente "enquadrar" os diversos atores nos termos da equação para a qual o debate em questão se propõe a apresentar soluções: que instituições devem ser construídas para se atingir determinados objetivos.

Este quadro foi elaborado a partir de uma bibliografia teórica básica (clássica e contemporânea) sobre a demanda por democracia e os requisitos institucionais para a sua existência e funcionamento.

As premissas teóricas então definidas podem assim ser resumidas.

O requisito fundamental para a existência da democracia é a igualdade política. Este requisito torna-se operativo através dos princípios de liberdade de associação, de expressão e do princípio de eleições livres, cujas práticas e graus de eficiência produzem o instituto básico da organização democrática, ou seja, o governo com responsabilidade pública.

A partir deste ponto começam as divergências, que aparecem quando das articulações entre objetivos a serem alcançados e as instituições requeridas para tais objetivos, ou seja, quanto ao conteúdo da democracia. Assim, observamos que para cada objetivo existe um conjunto de instituições através das quais tal objetivo poderá ser realizado. Observamos, ainda, que demandas por mais de um objetivo podem tornar-se demandas incompatíveis se a elas não estiverem acopladas demandas por instituições compatíveis entre si.

A este respeito Alan Wolfe² demonstra a contradição inerente entre a articulação de princípios liberais e objetivos democráticos. Por exemplo, como articular a agressão de interesses formada através de maiorias eventuais (quer via grupos voluntários ou partidos pragmáticos) com os objetivos Desenvolvimento do Homem e

² *The Limits of Legitimacy: Political Contradictions of Contemporary Capitalism* (New York: The Free Press, 1977).

Quadro I

Instituições	Objetivos				
	Interesse Geral	Governo Mínimo	Bem Comum	Controle do Governo	Desenvolvimento do Homem
Máxima Liberdade					
Governo Representativo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Grupos Voluntários	Sim			Sim*	Sim*
Partidos Pragmáticos	Sim				
Partidos Ideológicos		Sim	Sim	Sim	Sim
Princípio da Maioria	Sim	Sim	Sim*	Sim	Sim*
Extensão da Cidadania		Sim	Sim	Sim	Sim
Descentralização	Sim	Sim			Sim
Governo como Árbitro	Sim	Sim			
Império da Lei	Sim	Sim			

Observações: (Sim) Instituição necessária para a obtenção do objetivo desejado; entenda-se necessidade, aqui, como *maior ênfase*.

(*) Significa que as razões para a necessidade são distintas. As células vazias representam *menor ênfase* ou instituição incompatível com tal objetivo.

Fonte básica: Jack Lively, *Democracy*, Capricorn Books: New York, 1977.

Controle das Políticas Substantivas dos Governos que são derivados do reconhecimento da existência de certos direitos humanos (econômicos e sociais) que antecedem e transcendem eventuais momentos históricos? Nesta linha de argumentação, Wolfe conclui que "o liberalismo nega a lógica da democracia e a democracia ne-

ga a lógica do liberalismo", na medida em que o liberalismo sustenta-se no direito do indivíduo em defender seus interesses particulares e a democracia consubstancia-se na garantia de realização de direitos coletivos, sociais e econômicos.³

O Quadro I é um sumário das articulações entre demandas por instituições e demandas por

³ Ainda sobre este tema é importante acompanhar o debate de Norberto Bobbio com os socialistas e marxistas ortodoxos, in "Why Democracy", Telos n.º 36, summer 1978, onde a tensão entre princípios liberais e objetivos democráticos é tratada no conceito da atual crise do pensamento socialista.

objetivos. Procuramos, com base nessa literatura, relacionar ambos os tipos de demandas com flexibilidade suficiente para articularmos as instituições necessárias (ou tidas como tais) para determinados objetivos. Acreditamos que a natureza dessas articulações definem o conteúdo da democracia.

3.1. *Os Atores e as Democracias Propostas: seu Escopo*

Acima apontamos os requisitos básicos para a democracia política – a igualdade política – definida pela igualdade de oportunidades no exercício da política. Este princípio é realizável, em maior ou menor grau através dos princípios de livre associação, de liberdade de expressão e do exercício do voto unitário, livre, secreto e universal. A articulação e funcionamento desses princípios dá a medida do grau de responsabilidade pública dos governos e o escopo da democracia em operação.

Essas demandas, que podemos chamar de “prefácio à democracia”, padecem do pecado da unanimidade. Explicamos. Na medida em que todos os atores políticos demandam uma mesma instituição ela perde o seu potencial de diferenciação, dificultando a distribuição dos atores no espectro das democracias. No entanto, nós sabemos que *nem todos* os atores aceitam que *todas* as associações políticas possam se organizar livremente, apesar de aceitar o princípio em questão. Da mesma forma há restrições ao exercício do direito de votar. Portanto, a concordância, ainda que unânime, ao nível dos princípios democráticos, nada revelam sobre o escopo da democracia que esses atores desejam atingir. Para obtermos este quadro é necessário buscar as propostas que operacionalizariam tais demandas. Não se trata, aqui, da comparação simplista entre a retórica e a prática política, mas de determinarmos os limites de tolerância política que cada ator tem quanto à extensão do exercício de cada um desses princípios demandados.

No que se refere, então, ao “prefácio à democracia” há, por parte dos atores, unanimidade.

As restrições que aparecem ao exercício desses princípios são restrições clássicas na história política brasileira: não legalidade para os partidos comunistas, não extensão de voto para os analfabetos, não existência de partidos regionais, etc. De uma maneira geral, as restrições que aparecem fazem parte da cultura política

brasileira e na maioria das vezes não se tem uma explicação razoável para a sua defesa. Neste particular duas observações são importantes.

Peter McDonough, em seu livro, *Power and Ideology in Brazil*,⁴ demonstra-nos que as elites brasileiras tendem a ser coesas contra a arbitrariedade dos governos militares, sem que isso as torne defensoras da democracia de massa. Isto porque o que elas têm em comum é o interesse de protegerem suas áreas de influência e atuação da interferência dos governos militares, e controlar a entrada de novos grupos na arena política. As elites brasileiras, diz McDonough, “estão preocupadas com as ameaças *from below* da mesma forma que estão preocupadas com a tirania *from above*”, e conclui “é esta tensão que faz suas preferências e percepções sobre a distribuição do poder [leia-se democratização] ambíguas e complexas”.

O surgimento do Partido dos Trabalhadores, defendendo a organização *from below* dos trabalhadores urbanos e rurais, de forma independente e autônoma, tornou-se uma peça incômoda a todos exatamente porque significa a entrada de novos grupos na arena política. O que se observou, nos primeiros momentos deste debate, foi do lado da situação, o desejo contido de não permitir que o PT sobreviva e, do lado das oposições, a declaração de respeito ao direito de existência do PT, mas com o desejo de que seus quadros se incorporassem aos demais partidos, sob o comando de líderes e dirigentes partidários mais tradicionais. Ou seja, os atores políticos tradicionais na situação ou na oposição, aprenderam a lidar e conviver com o brizolismo, janismo, chaguismo, getulismo e outros ismos. Não sendo porém o PT apenas um lulismo, isto fez dele, pelo menos no início, uma ameaça política para todos.

Mantidas as coisas neste diapásão, o escopo da democracia política que teremos vai depender muito mais da tolerância e flexibilidade das lideranças políticas tradicionais do que, como seria desejável, de uma concordância clara entre princípios democráticos entre os atores, quer entre situação e oposição, quer dentro de ambos os grupos.

3.2. *Os Atores e os Tipos de Democracias Propostas*

No que se refere aos tipos de democracias propostas o que observamos é o seguinte.

⁴ Peter MacDonogh, *Power and Ideology in Brazil*, Princeton, Princeton University Press, 1981.

Para chegarmos aos desenhos das democracias propostas aplicamos o esquema definido no Quadro I e procuramos de maneira flexível “enquadrar” os diversos atores. A seguir apresentamos o Quadro II, onde estão relacionados as instituições demandadas e os objetivos pretendidos, e nas células estão os atores políticos listados.

A leitura desse quadro é simples. Nas células estão os atores que com relativa clareza articularam instituições básicas com objetivos desejados, ou seja, as articulações encontradas respondem simultaneamente às perguntas “o que se quer com a democracia e qual instituição propiciaria tal objetivo”.

Atores importantes como Tancredo Neves, Thales Ramalho, Mario Covas, Jacob Bittar e outros não aparecem no quadro, ou porque ficaram no “prefácio à democracia”, ou porque não articularam de forma clara os dois termos da questão, embora tenham demandado instituições e definido certos objetivos a serem atingidos. Da mesma forma, as células vazias significam que as articulações entre instituições e objetivos não foram feitas, embora os atores aí listados tivessem feito demandas isoladas por instituições e por objetivos.

Se formos mais flexíveis quanto ao conteúdo dos discursos dos atores poderemos chegar a dois desenhos de democracias, todas com seus contornos não muito nítidos e de coloração opaca, que são os seguintes:

- 1) Um desenho de democracia liberal clássica, “à la americana”, explicitada basicamente pelos “novos” empresários, por políticos liberais tradicionais (como Célio Borja, Ulisses Guimarães, Tancredo Neves e outros) e por Lula (abaixo um pequeno comentário sobre o discurso de Lula e o PT).
- 2) Um desenho de uma democracia “rousseauiana”, com o Estado tendo o papel de defender e promover o bem comum, acima dos interesses particularistas, explicitado pelo Senador Petronio Portella. Com a morte prematura do Senador Petronio Portella este debate entre os ato-

res ficou ainda mais prejudicado, pois ninguém o substituiu.

O discurso de Fernando Henrique Cardoso, Leonel Brizola e outros, de forte conteúdo social, não chega a ser uma proposta alternativa concreta: em seus discursos há no horizonte uma democracia social ou um socialismo democrático, ainda indefinidos. Este grupo de atores obviamente demanda o exercício pleno dos princípios democráticos e vão mais além, demandando certas instituições sem no entanto articulá-las com outros objetivos.

Em resumo, hoje existe apenas uma proposta relativamente completa e clara: a da democracia política liberal, onde é assumido, com maior ou menor tolerância, o pluralismo social e político.

Para a maioria dos atores este desenho institucional é o ponto de chegada ou o coroamento da trajetória da transição. Para os demais, aí notadamente Brizola, Lula, Almino Afonso, F. H. Cardoso e outros, este é o ponto de partida para o processo de democratização, ou seja, dada a existência e garantidas as regras mínimas de convivência civilizada – procedimentos democráticos de resolução dos conflitos sociais – novos pactos seriam formados e daí sairiam políticos e processos democratizantes.

Não é nosso objetivo ir além de uma avaliação preliminar dessas duas posições, mesmo porque isto não caberia nesta nota introdutória ao debate. Antes, porém, uma nota sobre o discurso de Lula e o PT.

3.3. Lula, PT e Democracia

Lula, como Presidente do PT, merece um destaque nesse debate por dois motivos. Primeiro, porque a criação do PT representa por si só uma novidade histórica importantíssima para o que acontecerá no futuro próximo. Segundo, porque o seu discurso, embora com raízes liberais, procura, sem muita clareza, desvencilhar-se dos comprometimentos históricos do liberalismo proposto pelos novos empresários e simultaneamente procura, também, repudiar a experiência autoritária do leste europeu. Isto está claro nas suas inúmeras entrevistas.⁵ Recente-

⁵ Além do material listado neste inventário, ver: Luís Inácio da Silva, *Lula: Entrevistas e Discursos, 1978-1980* (ABCD – Sociedade Cultural, São Bernardo do Campo, 1980); Mario Morel, *Lula, O Metalúrgico* (Rio, Nova Fronteira, 1981); Altino Dantas Junior (ed), *Lula Sem Censura* (Petrópolis, ed. Vozes, 1981).

Quadro II

Instituições	Objetivos				
	Interesse Geral	Bem Comum	Liberdade Governo Mínimo	Controle das Políticas do Governo	Desenvolvimento do Homem
Governo Representativo	Delfin Neto; Francelino Pereira; Lula; Luis Eulálio Vidigal; Ayrton Gyrão; Paulo Francini	Petronio Portela; João Batista Figueiredo	Erasmus Dias; Cláudio Bardella	Ulysses Guimarães	João Batista Figueiredo
Grupos Voluntários	Nascimento e Silva; Delfin Neto; Karlos Rischbieter; Francelino Pereira; J. Sarney; Célio Borja; Saturnino Braga; Ulysses Guimarães; Pedro Simon; Lula; Laerte Setúbal; Luis Eulálio Vidigal; Ayrton Gyrão; Paulo Francini		Cláudio Bardella	José Mindlin	Fernando Henrique Cardoso; Miguel Arraes; Leonel Brizola
Partidos Pragmáticos	Delfin Neto; José Sarney; Lula				Petronio Portela
Partidos Ideológicos		Petronio Portela; Divaldo Suruagy; Lomanto Junior			Divaldo Suruagy
Princípio da Maioria		Petronio Portela			
Extensão da Cidadania	Delfin Neto				Fernando Henrique Cardoso; Miguel Arraes; Leonel Brizola
Descentralização					Fernando Henrique Cardoso
Governo como Arbitro	Nascimento e Silva; Delfin Neto; Karlos Rischbieter; Célio Borja; Lula; Laerte Setúbal; Ayrton Gyrão; Paulo Francini				
Regra da Lei	Karlos Rischbieter; Laerte Setúbal		Erasmus Dias; Tarcísio Burity; Célio Borja; Paulo Brossard; Mário Lima		

mente, em um debate entre Lula, como candidato ao governo de São Paulo, e Mário Garnero, como representante dos empresários, Lula defrontou-se com este problema: ao tentar mostrar como seria o tipo de democracia que propõe, não foi além da recuperação dos princípios liberais clássicos e da declaração de usar estes princípios para alargar a participação política das massas trabalhadoras e orientar suas políticas para a prioridade social, sem no entanto conseguir dizer através de quais meios institucionais isto seria (ou poderia) ser feito. (Programa *Crítica & Autocrítica*, TV Bandeirantes, 04/5/82).

A existência do PT sem dúvida alarga consideravelmente o escopo de qualquer democracia política que saia dessa transição. No entanto, Lula define o PT como um partido pragmático: agregador de interesses diversos; sem uma proposta formal acabada para a sociedade; capaz de canalizar e representar os interesses dos diversos grupos sociais e servir de ligação entre os grupos voluntários autônomos (aí incluídos os sindicatos, associações de bairro, de base, profissionais, etc.). Portanto, hoje, a proposta do PT é, ainda, uma proposta institucionalmente liberal, embora com objetivos sociais claros.

3.4. *O Debate pela Democracia e suas Consequências Imediatas*

Fernando H. Cardoso, Leonel Brizola e outros, da mesma forma que Lula, certamente têm algo a mais para dizer e propor. A dificuldade encontrada por essas linhas alternativas de pensamento em contrapor-se fortemente à proposta liberal é decorrente da atual crise do pensamento socialista mundial. Os paradigmas usados têm sido as tentativas de democratização na Tchecoslováquia, de 1968, na Polônia recentemente, a experiência pluralista da Jugoslávia de Tito, mais recentemente de transição na Nicarágua e, finalmente, a experiência da Suécia e da Alemanha com a democracia social. Estas experiências históricas geram nos atores cautela e prudência, por um lado, e pessimismo, por outro. A ausência de uma proposta convincente tem, portanto, razões objetivas: as incertezas são tantas e tão grandes que a cautela e a prudência se impõem. Por outro lado, cautela e prudência são também estratégias e, como tais, podem representar a vitória ou a derrota política desses atores. Vejamos este ponto.

Na prática, a estratégia dominante tem sido a de recuperar os princípios liberais, em oposição aos resquícios do autoritarismo recente.

Essa concordância tácita quanto à recuperação da democracia política liberal e à sua institucionalização é atraente porque apela para os sentimentos nobres de liberdade e respeito humano e ganha, por isso, o apoio da população. No entanto, a democracia política liberal é um arranjo institucional cujo mérito, quando satisfatoriamente realizada, está na possibilidade de que os conflitos sociais sejam gerenciados de forma inteligente e civilizada. Neste jogo a probabilidade de sucesso de cada grupo, no ganho de políticas substantivas fica, então, na dependência direta da distribuição do poder na sociedade.

Na medida em que as propostas alternativas à democracia política liberal não ganham corpo, os apelos liberais vão ganhando terreno e a estratégia de jogar este desenho institucional como coroamento do processo de abertura acaba como sendo a única viável. Ou seja, os liberais, e desses principalmente os empresários, podem estar sendo compelidos a se ajustarem com o grupo palaciano, pois as oposições não conseguem formular propostas alternativas capazes de oferecer bases para alianças mais sólidas e duradouras. Esta situação ficou clara, por exemplo, quando Rui de Mesquita Filho, dirigindo-se a Fernando Henrique Cardoso, disse “não confio na oposição de vocês, não sei quem vai assumir o poder e o que será feito” (Programa *Canal Livre*, TV Bandeirantes).

Paralelamente às demandas pela democracia política aparece uma demanda comum: a reforma econômica e tributária. A estratégia das oposições de 1982, especialmente com a expectativa de vitória nas eleições era articular-se para realizar a reforma econômica e fiscal. A este respeito o grupo palaciano tem sido reticente. Isto pode ser um sinal para a aceitação de uma reforma parcial, cuja extensão deverá depender de barganhas políticas. Se assim for, o melhor cenário que se apresenta é o da democracia liberal como coroamento do processo, após as eleições de 1982, e uma acanhada descentralização da área econômica e fiscal. Ou seja, a permanecerem as estratégias que hoje preponderam, a trajetória atual do processo de abertura caminha para 1967. Para evitar-se, então, um novo 1968, ou seja, para superar-se os impasses e as confrontações antevistas (embora não desejados) por Olavo Setúbal Filho (Programa *Sem Censura*, TV Globo), novas alianças serão necessárias. Aí as oposições poderão ganhar ou perder em definitivo, dependendo do que tiverem para oferecer na mesa de negociações.

1. Porquê da Abertura

- 12/08/74. Entrevista com Roberto Campos: "Campos diz que limitações do arbítrio dão estabilidade" (*Jornal do Brasil*).
- 11/09/74. Artigo de Roberto Campos: "O Poder Legislativo e o desenvolvimento, I" (*O Globo*).
- 18/09/74. Artigo de Roberto Campos: "O Legislativo e o desenvolvimento, II" (*O Globo*).
- 24/03/75. Debate com José Sarney, Roberto Saturnino Braga, Fernando Henrique Cardoso e Carlos Castello Branco: "O incerto caminho até a democracia" (*Visão*).
- 30/06/76. Entrevista com Roberto Saturnino Braga: "Uma saída para a crise: para que não venha a recessão, o senador-economista sugere outro modelo econômico" (*Veja*).
- 28/07/76. Entrevista com Severo Gomes: "A sociedade deve estar unida: sem institucionalizar a política, o Estado se arrisca ao 'choque com as aspirações nacionais'" (*Veja*).
- 05/01/77. Entrevista com Glaucio Ary Dillon Soares: "O poder de um modelo: as opções econômicas governariam o sistema político?" (*Veja*).
- 06/04/77. Entrevista com Roberto Mangabeira Unger: "Tentando imaginar o futuro: um professor brasileiro de Harvard sugere possíveis alternativas para os impasses políticos do país" (*Veja*).
- 25/05/77. Entrevista com Roberto Saturnino Braga: "Falta credibilidade: Roberto pede mais cabeças ministeriais" (*Isto É*).
- 15/06/77. Entrevista com Thales Ramalho: "Ou nos entendemos, ou . . . Thales Ramalho fala de um impasse antigo" (*Isto É*).
- 29/06/77. Entrevista com Francisco Weffort: "Por um novo pacto social: a constituinte não seria apenas uma reivindicação do MDB, mas de toda a sociedade" (*Veja*).
- 10/08/77. Entrevista com Luiz Carlos Bresser Pereira e Carlos Estevam Martins: "A tecnocracia e a crise: uma nova classe a meio passo entre a democracia e o totalitarismo" (*Veja*).
- 17/08/77. Entrevista com Luís Antonio Marrey: "Fala um estudante: a redemocratização e o movimento nas Universidades" (*Isto É*).
- 24/08/77. Entrevista com Tancredo Neves: "É tempo de conciliação: o experiente deputado mineiro prega a convocação de uma Assembléia Constituinte" (*Veja*).
- 11/09/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: "Cardoso não crê que democracia traga o caos" (*Jornal do Brasil*).
- 12/10/77. Entrevista com Luiz Werneck Vianna: "Uma luta de interesses: a dissidência política nas elites tornou crucial a questão operária" (*Veja*).
- 02/11/77. Entrevista com Dom Avelar Brandão Vilela: "A Igreja e a reabertura: nem radical nem moderado, o cardeal-primaz confia na redemocratização" (*Veja*).
- 23/11/77. Entrevista com Pedro Simon: "Esperanças e certezas de Pedro Simon, emedebista sereno. A democracia um destino" (*Isto É*).
- 30/11/77. Entrevista com Teotônio Vilela: "Ou muda tudo ou vai explodir: o irresistível anseio da nação, segundo Teotônio Vilela" (*Isto É*).

- 14/12/77. Entrevista com Raymundo Pereira: “Ela não vem fácil: Raymundo Pereira, do Movimento, fala da democracia” (*Isto É*).
- 24/12/77. Artigo de Luiz Carlos Bresser Pereira: “O Dom, a conquista e a legitimidade” (*Folha de São Paulo*).
- 15/01/78. Artigo de Oswaldo Morgado: “A redemocratização nasce nos quartéis” (*Jornal de Brasília*).
- 00/02/78. Entrevista com Edmundo Moniz: “PS – Um Partido não nasce dos gabinetes” (*Versus*).
- 00/02/78. Entrevista com Almino Afonso: “PS – Plataforma Socialista para o Brasil” (*Versus*).
- 01/03/78. Entrevista com Karlos Rischbieter: “O direito de dar opinião: o presidente do Banco do Brasil fala em ‘repensar e reavaliar’ o modelo brasileiro ” (*Veja*).
- 08/03/78. Entrevista com Delfim Netto: “Inconveniente? Eu não . . . : Restrições a Delfim Netto? O candidato ao governo paulista não acredita nisso” (*Isto É*).
- 22/03/78. Debate com Eimar Kok, Laerte Setúbal, Luís Eulálio Bueno Vidigal, Ayrton Girão, Paulo Francini e Cláudio Bardella: “Democracia, mas como? O que pensam hoje alguns dos empresários que há um ano já pediam abertura” (*Isto É*).
- 29/03/78. Entrevista com Almino Afonso: “O diálogo merece respeito: um político cassado fala sobre novos partidos e suas opções no Brasil de hoje” (*Veja*).
- 19/04/78. Entrevista com Rafael de Almeida Magalhães: “Há um impasse evidente: o que pensa um dos autores do Projeto Brasil” (*Veja*).
- 17/05/78. Entrevista com André Villalobos: “O estudo das contradições: o que se esconde por detrás da abertura lenta, segura e gradual? ” (*Veja*).
- 00/05/78. Entrevista com Moniz Bandeira: “Um novo PTB? ” (*Versus*).
- 05/07/78. Artigo de José Álvaro Moisés: “Corremos o risco de cair numa democracia? , ou por que a crise de hoje é mais séria que a de 1945” (*Isto É*).
- 05/07/78. Entrevista com Michel Debrun: “Terrível conciliação: as elites brasileiras, lembra Michel Debrun, cuidaram de evitar a democracia” (*Isto É*).
- 05/07/78. Entrevista com Leonel Brizola: “Esperando o regresso: o ex-governador gaúcho quer voltar ao país desde que isso não prejudique o processo de redemocratização. E pensa no velho PTB” (*Veja*).
- 06/09/78. Entrevista com Luis Carlos Prestes: “Prestes hoje: ele fala do Brasil, faz uma autocrítica, explica o PC e se diz otimista” (*Isto É*).
- 11/10/78. Entrevista com Francisco Julião: “Nem PTB nem PS: o ex-líder das ligas camponesas pensa em um novo partido dos trabalhadores. Sem os equívocos do antigo PTB mas ainda com Brizola” (*Veja*).
- 29/11/78. Artigo de Mino Carta: “A Revolução feneceu: o ‘não’ do Brasil contemporâneo apressa o fim de uma época. Mas o Planalto . . .” (*Isto É*).
- 13/12/78. Entrevista com José Mindlin: “A democracia dos empresários: estamos prontos para os riscos” (*Folha de São Paulo*).

- 14/12/78. Entrevista com Dilson Funaro: "A democracia dos empresários: devemos evoluir sem criar impasses" (*Folha de São Paulo*).
- 15/12/78. Entrevista com Laerte Setúbal Filho: "A democracia dos empresários: criar válvulas para aliviar tensões" (*Folha de São Paulo*).
- 16/12/78. Entrevista com Renato Ticoullat Filho: "A democracia dos empresários: é preciso reconciliar Estado e Nação" (*Folha de São Paulo*).
- 17/12/78. Entrevista com Cláudio Bardella: "A democracia dos empresários: devemos exercitar a democracia" (*Folha de São Paulo*).
- 03/01/79. Entrevista com Edmar Bacha: "O modelo golberiano: uma pitada de abertura e de distribuição de renda e o controle das estatais" (*Isto É*).
- 21/02/79. Artigo de Mino Carta: "A idéia de abrir: de Geisel a Figueiredo, uma decisão que permanece com General Golbery" (*Isto É*).
- 21/02/79. Entrevista com Eimar Kok: "O medo da liberdade: eles começaram a pedir democracia, mas a maioria dos empresários ainda é contra" (*Isto É*).
- 21/02/79. Entrevista com Luis Inácio da Silva: "O avanço sindical: os trabalhadores voltaram a confiar nos sindicatos. E fizeram greves pelos seus direitos" (*Isto É*).
- 21/02/79. Entrevista com Afonso Arinos: "Não é possível evitar a abertura: a repressão estava ficando cara demais. Afonso Arinos conta como Geisel reagiu" (*Isto É*).
- 24/06/79. Enquete com empresários: "Figueiredo ganha confiança nos 100 primeiros dias" (*Jornal do Brasil*).
- 22/08/79. Artigo de Miguel Arraes: "As minhas posições: na sua carta de Argel, ele fala sobre o novo MDB, Anistia, Brizola e Lula, empresários, etc" (*Isto É*).
- 16/03/80. Artigo de Bolivar Lamounier: "Figueiredo e a redemocratização" (*Jornal do Brasil*).
- 25/05/80. Depoimentos de Tancredo Neves, Francisco de Oliveira, Hércules Correa, Luiz Eduardo Greenhalgh, Aurélio Peres e outros: "A abertura acabou? Como responder ao impasse do regime?" (*Movimento*).
- 10/09/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "O sistema não resistia ao confronto" (*Jornal do Brasil*).
- 24/09/80. Entrevista com Maria da Conceição Tavares: "O importante é o debate" (*Veja*).
- 10/10/80. Palestra de Golbery do Couto e Silva na Escola Superior de Guerra: "A abertura, por Golbery" (*Veja*).
- 15/10/80. Entrevista com Guillermo O'Donnell: "Um pacto pela abertura: o cientista político argentino acha viável um acordo entre a oposição e o governo brasileiro, mas pergunta se o regime aceita perder eleições" (*Veja*).

2. Estratégias

2.1. Descompressão e Caminhos para a Democracia

- 30/09/73. Artigo de Wanderley Guilherme dos Santos: "Para uma estratégia de descompressão política" (*Jornal do Brasil*).
- 12/02/74. Artigo de Carlos Castello Branco: "Questões para Huntington" (*Jornal do Brasil*).

- 30/03/74. Artigo de Carlos Castello Branco: "O professor Huntington, esse subversivo" (*Jornal do Brasil*).
- 12/08/74. Entrevista com Roberto Campos: "Campos diz que limitações do arbítrio dão estabilidade" (*Jornal do Brasil*).
- 12/08/74. Artigo: "O problema institucional brasileiro-1: Fórmulas e teóricos da descompressão: melhorar o regime para defender o sistema" (*Opinião*).
- 26/08/74. Artigo de Fernando Henrique Cardoso: "O problema institucional brasileiro-2: a democracia do professor Huntington" (*Opinião*).
- 26/08/74. Artigo de Francisco Weffort: "O problema institucional brasileiro-3: a democracia e a 'questão social'" (*Opinião*).
- 28/08/74. Artigo de Oliveira Bastos: "Equívocos em torno da 'descompressão'" (*Última Hora*).
- 29/08/74. Artigo de Oliveira Bastos: "Bases da evolução interna do regime" (*Última Hora*).
- 04/09/74. Artigo de Carlos Castello Branco: "Uma página da História" (*Jornal do Brasil*).
- 24/03/75. Debate com José Sarney, Saturnino Braga, Fernando Henrique Cardoso e Carlos Castello Branco: "O incerto caminho até a democracia" (*Visão*).
- 07/04/75. Artigo de Oliveira Bastos: "Até que enfim o MDB dá crédito de confiança" (*Última Hora*).
- 25/04/75. Artigo de José Álvaro Moisés: "Democracia – da que temos para a que queremos" (*Opinião*).
- 04/08/75. Entrevista com Paulo Brossard: "Palavras de um branco liberal" (*Movimento*).
- 10/08/75. Artigo de Carlos Castello Branco: "Da teoria da descompressão" (*Jornal do Brasil*).
- 11/08/75. Artigo de Carlos Castello Branco: "A volta das tensões" (*Jornal do Brasil*).
- 18/08/75. Entrevista com Célio Borja: "Recado de um liberal aos empresários: na opinião do presidente da Câmara dos Deputados, Célio Borja, os empresários devem engajar-se na luta pela distensão política, na defesa de seus interesses" (*Visão*).
- 27/10/75. Debate com Thales Ramalho e Nelson Marchezan: "Agora o MDB tem interesse na vitória eleitoral da Arena: Thales Ramalho, do MDB, afirma que seu partido 'tem interesse na vitória da Arena', em 1976. Nelson Marchezan, da Arena, explica" (*Visão*).
- 24/01/76. Artigo de Carlos Castello Branco: "Prossigue a Revolução" (*Jornal do Brasil*).
- 09/02/76. Enquete: Os imponderáveis rumos da distensão política. Articulistas políticos dos mais importantes diários do país respondem a uma questão que agita a consciência nacional neste atribulado início de ano: quais as perspectivas políticas para 1976?" (*Visão*).
- 18/03/76. Artigo de Carlos Castello Branco: "Distensão é eleição" (*Jornal do Brasil*).
- 30/06/76. Entrevista com Saturnino Braga: "Uma saída para a crise: para que não venha a recessão, o senador-economista sugere outro modelo econômico" (*Veja*).
- 14/11/76. Artigo de Walder de Góes: "Agenda para o futuro próximo" (*Jornal do Brasil*).

- 06/04/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "O engasgo da distensão" (*Isto É*).
- 06/04/77. Entrevista com Roberto Mangabeira Unger: "Tentando imaginar o futuro: um professor brasileiro de Harvard sugere possíveis alternativas para os impasses políticos do País" (*Veja*).
- 13/04/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Distensão entre amigos" (*Isto É*).
- 18/04/77. Artigo de Carlos Castello Branco: "A ineficácia da descompressão" (*Jornal do Brasil*).
- 11/05/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "O futuro já tem nome" (*Isto É*).
- 18/05/77. Entrevista com Amaral Peixoto: "A inevitável Constituinte: Amaral Peixoto fala das incertezas do momento" (*Isto É*).
- 29/06/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "A tabela do retorno da institucionalização" (*Isto É*).
- 03/08/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso. "Chega de retórica: utopias e planos salvadores não nos faltam. O que falta é começar a fazer a democracia" (*Veja*).
- 03/08/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: "Democracia, simplesmente: Fernando Henrique Cardoso e o papel do intelectual e do político no Brasil, hoje" (*Isto É*).
- 17/08/77. Entrevista com Luís Antonio Marrey: "Fala um estudante: a redemocratização e o movimento nas universidades" (*Isto É*).
- 04/09/77. Entrevista com Bolívar Lamounier: "Professor vê novas divisões entre a esquerda e a direita no Brasil" (*Jornal do Brasil*).
- 11/09/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: "Cardoso não crê que democracia traga o caos" (*Jornal do Brasil*).
- 05/10/77. Entrevista com Manoel Gonçalves Ferreira Filho: "Não se faz tudo de uma só vez: o vice-governador de São Paulo continua a imaginar fórmulas para tornar possível a democracia no Brasil" (*Veja*).
- 26/10/77. Entrevista com Celso Lafer: "A prepotência do Estado, nosso mal crônico, no diagnóstico de Celso Lafer, liberal do século XX" (*Isto É*).
- 30/11/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Um único candidato e uma só reforma" (*Isto É*).
- 15/01/78. Artigo de Oswaldo Morgado: "A redemocratização nasce nos quartéis" (*Jornal de Brasília*).
- 22/03/78. Debate com Eimar Kok, Laerte Setúbal, Luís Eulálio Bueno Vidigal, Ayrton Girão, Paulo Francini e Cláudio Bardella: "Democracia, mas como? O que pensam hoje alguns dos empresários que há um ano já pediam abertura" (*Isto É*).
- 05/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "A Revolução não vai acabar: abertura dependerá da vitória da Arena nas eleições de novembro" (*Folha de São Paulo*).
- 06/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "Figueiredo quer dissolver a Arena e o MDB: revolução não pode sofrer oposição nem contestação" (*O Estado de São Paulo*).
- 12/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "O que sou e o que penso" (*Veja*).

- 26/04/78. Entrevista com Paulo Brossard: "A Abertura é já ou nunca: o líder do MDB não crê na democratização 'lenta, gradual e segura' " (*Veja*).
- 17/05/78. Entrevista com André Villalobos: "O estudo das contradições: o que se esconde por detrás da abertura lenta, segura e gradual? " (*Veja*).
- 24/05/78. Debate com Tancredo Neves, Paulo Brossard e Saturnino Braga: "Desconfiado o MDB só pode esperar: Tancredo, Brossard e Saturnino discutem o futuro" (*Isto É*).
- 04/06/78. Artigo de Walder de Góes: "O regime sob pressão" (*Jornal do Brasil*).
- 05/07/78. Entrevista com Michel Debrun: "Terrível conciliação: as elites brasileiras, lembra Michel Debrun, sempre cuidaram de evitar a democracia" (*Isto É*).
- 06/08/78. Debate com Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro e Cláudio Lembo: "No debate, a proposta: fim da lei Falcão" (*O Estado de São Paulo*).
- 08/10/78. Entrevista com João Paulo dos Reis Velloso: "Velloso: esperamos que não haja radicalização. O Brasil sempre teve uma certa sabedoria política" (*Jornal do Brasil*).
- 10/12/78. Artigo: "Terminou o quinto ato" (*Jornal do Brasil*).
- 20/12/78. Entrevista com Afonso Arinos: "A hora do entendimento: reflexões e idéias de um velho udenista que volta à cena após suas contribuições ao projeto de reformas políticas do governo Geisel" (*Veja*).
- 27/12/78. Entrevista com Aureliano Chaves: "O dever da conciliação: o futuro vice-presidente da República antecipa suas tarefas e prega um entendimento profundo entre o governo e a oposição" (*Veja*).
- 17/01/79. Artigo de Dirceu Brizola: "Chega de fantasmas" (*Veja*).
- 28/03/79. Entrevista com Antonio Carlos Magalhães: "Os civis terão vez: o governador da Bahia fala do processo de abertura, aponta as dificuldades que esperam Figueiredo e prega o entendimento entre Arena e MDB" (*Veja*).
- 24/05/79. Artigo de Fernando Henrique Cardoso: "Os rumos da oposição" (*Folha de São Paulo*).
- 23/12/79. Entrevista com Tancredo Neves: "Tancredo acusa os que desejam uma República Popular: o que pensa o líder do PP" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Freitas Nobre: "As deformações persistem, o quadro permanece" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Luís Inácio da Silva: "Aos políticos, tudo, ao trabalhador, nada" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Miro Teixeira: "Esperávamos muito mais. Ainda podemos confiar? " (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Leonel Brizola: "Há uma relativa liberdade, mas a economia vai mal" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Tarcísio Holanda: "Figueiredo está cumprindo o que prometeu" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Bolívar Lamounier: "Figueiredo e a redemocratização" (*Jornal do Brasil*).

- 30/04/80. Entrevista com Leonel Brizola: "Faltou mediação no ABC: o líder do PTB acha que o governo foi ineficiente e que seu Ministro do Trabalho deveria ter ido ao sindicato dos Metalúrgicos" (*Veja*).
- 04/05/80. Entrevista com Erasmo Dias: "O importante é não perder o poder" (*Jornal do Brasil*).
- 25/05/80. Depoimento de Tancredo Neves, Francisco de Oliveira, Hércules Correia, Luiz Eduardo Greenhalgh, Aurélio Peres e outros: "A abertura acabou? Como responder ao impasse do regime" (*Movimento*).
- 22/06/80. Entrevista com Tancredo Neves: "Tancredo condena instabilidade da abertura" (*Jornal do Brasil*).
- 25/06/80. Artigo de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti: "Muita *cracia* e pouco *demo*: responsabilidade democrática exige combate ao continuismo sem ceder aos radicalismos" (*Veja*).
- 12/07/80. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Não há acordo possível entre governo e oposição" (*Jornal do Brasil*).
- 27/08/80. Artigo de Fernando Henrique Cardoso: "A coragem de um gesto: é preciso romper o imobilismo do governo e da oposição para garantir a democracia" (*Veja*).
- 08/10/80. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "No tudo ou nada, dá nada: as eleições de 1982 serão diretas, a não ser que a oposição queira tudo ao mesmo tempo" (*Veja*).
- 10/10/80. Palestra de Golbery do Couto e Silva na Escola Superior de Guerra: "A abertura, por Golbery" (*Veja*).
- 15/10/80. Entrevista com Guillermo O'Donnell: "Um pacto pela abertura: o cientista político argentino acha viável um acordo entre a oposição e o governo brasileiro, mas pergunta se o regime aceita perder eleições" (*Veja*).
- 17/10/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "Democracia e poder civil" (*Jornal do Brasil*).
- 19/10/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "Abrir mas não tanto" (*Jornal do Brasil*).
- 24/10/80. Artigo de Almyr Gajardoni: "O otimismo está no meio" (*Jornal do Brasil*).
- 25/10/80. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Como quem não quer nada, oposição e governo já estão se entendendo" (*Jornal do Brasil*).
- 26/10/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "Entre civis e militares" (*Jornal do Brasil*).
- 27/10/80. Artigo de Tarcísio Holanda: "Entendimento vence resistência no PMDB" (*Jornal do Brasil*).
- 08/11/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "Regras do jogo só em 1982" (*Jornal do Brasil*).
- 12/11/80. Entrevista com Mário Covas: "A oposição deve negociar: presidente do PMDB de São Paulo não teme o perigo de um retrocesso político e acha irrelevante se a Constituinte é com João ou sem ele" (*Veja*).
- 14/11/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "Instabilidade e a 'plena e estável'" (*Jornal do Brasil*).
- 27/11/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "A abertura numa concepção civil" (*Jornal do Brasil*).

2.2. Reforma Partidária e Participação Política

- 08/01/73. Entrevista com Pedro Aleixo: “Este ano o 3.º partido? ” (*Opinião*).
- 06/12/74. Artigo de Fernando Henrique Cardoso: “Eleições. Um ponto sem retorno ou como enfrentar as tentações da uva verde” (*Opinião*).
- 25/04/75. Artigo de José Álvaro Moisés: “Democracia – da que temos para a que queremos” (*Opinião*).
- 18/08/75. Entrevista com Célio Borja: “Recado de um liberal aos empresários: na opinião do presidente da Câmara dos Deputados, Célio Borja, os empresários devem engajar-se na luta pela distensão política, na defesa de seus interesses” (*Visão*).
- 29/09/75. Entrevista com Francelino Pereira: “A Arena nas mãos de um homem de muita fé: com muita fé, Francelino Pereira exorciza os maus espíritos da desconfiança e se prepara para vencer eleições” (*Visão*).
- 19/05/76. Entrevista com Petrônio Portella: “Vivemos uma etapa decisiva: para o líder da Arena, boas instituições políticas dependem de um país ‘mais igual’ ” (*Veja*).
- 05/02/77. Entrevista com Fernando Gasparian: “O empresário nacional conta zero na vida política do país” (*Movimento*).
- 02/02/77. Entrevista com Divaldo Suruagy: “Um modelo definitivo: o governador de Alagoas defende o abandono de soluções políticas casuísticas” (*Veja*).
- 01/06/77. Entrevista com Herbert Levy: “Salva-vidas político? Levy diz que a classe política não pode mais conformar-se” (*Isto É*).
- 13/07/77. Entrevista com Paulo Diederichsen Villares: “Problemas de comunicação: o que pensa um líder empresarial do diálogo com o governo sobre as dificuldades econômicas” (*Veja*).
- 03/08/77. Artigo de Bolívar Lamounier: “Nosso frágil Congresso: acabou o recesso. Mas isso muda alguma coisa? ” (*Isto É*).
- 24.08.77. Artigo de Bolívar Lamounier: “Quando Arena e MDB morrerão” (*Isto É*).
- 04/09/77. Entrevista com Bolívar Lamounier: “Professor vê novas divisões entre a esquerda e a direita no Brasil” (*Jornal do Brasil*).
- 11/09/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: “Cardoso não crê que democracia traga o caos” (*Jornal do Brasil*).
- 21/09/77. Entrevista com Luís Inácio da Silva: “Abertura? Para quem? O líder dos metalúrgicos fala de suas lutas e de outras: de ontem e de hoje” (*Isto É*).
- 10/10/77. Artigo de Teodomiro Braga: “Vêm aí novos partidos? Só no MDB estão sendo articulados dois ‘partidos socialistas’ ” (*Movimento*).
- 00/10/77. Entrevista com Maria do Carmo Campello de Souza: “E se os Partidos fossem livres? ” (*Versus*).
- 02/11/77. Entrevista com D. Avclar Brandão Vilela: “A Igreja e a reabertura: nem radical nem moderado, o Cardeal-primaz confia na redemocratização” (*Veja*).

- 07/11/77. Entrevista com Luís Inácio da Silva: "Os frutos do diálogo" (*Movimento*).
- 09/11/77. Entrevista com Rafael Baldacci: "Projeto para Golbery: as propostas que Baldacci guarda no bolso do colete" (*Isto É*).
- 23/11/77. Entrevista com Pedro Simon: "Esperanças e certezas de Pedro Simon, emedebista sereno. A democracia, um destino" (*Isto É*).
- 05/12/77. Debate com Francisco Weffort, Fernando Henrique Cardoso, Euzébio Rocha, José Gomes Talarico, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Airton Soares, Jarbas Vasconcelos, Emanuel Waismann, Gamaliel Galvão e Gilvan Rocha: "Quem quer novos partidos? Vale a pena dividir o MDB? Por que existe o bipartidarismo? Que partidos políticos é viável criar no Brasil? As respostas estão neste debate sobre a possibilidade de criação de novos partidos para substituir MDB e Arena" (*Movimento*).
- 25/01/78. Artigo de Jorge Cunha Lima: "Os novos partidos: O neotrabalhismo, os socialistas e o 'partidão' que vem aí" (*Isto É*).
- 01/02/78. Entrevista com Luis Inácio da Silva: "A liberdade deve ser conquistada: Lula fala do MDB, da Igreja, dos estudantes, do PTB, dos pelegos e das suas esperanças" (*Isto É*).
- 20/02/78. Artigo: "Que partido socialista será possível?" (*Movimento*).
- 00/02/78. Entrevista com Almino Afonso: "PS – Plataforma socialista para o Brasil" (*Versus*).
- 00/02/78. Entrevista com Edmundo Moniz: "PS – Um partido não nasce nos gabinetes" (*Versus*).
- 08/03/78. Entrevista com Delfim Netto: Inconveniente? Eu não . . . : restrições a Delfim Netto? O candidato ao governo paulista não acredita nisso" (*Isto É*).
- 13/03/78. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: "A tarefa da oposição é unir o povo" (*Movimento*).
- 22/03/78. Debate com Einar Kok, Laerte Setúbal, Luís Eulálio Bueno Vidigal, Ayrton Gyrão, Paulo Francini e Cláudio Bardella: "Democracia, mas como? o que pensam hoje alguns dos empresários que há um ano já pediam abertura" (*Isto É*).
- 29/03/78. Entrevista com Almino Afonso: "O diálogo merece respeito: um político cassado fala sobre novos partidos e suas opções no Brasil de hoje" (*Veja*).
- 00/03/78. Entrevista com Leonel Brizola: "Estou onde sempre estive" (*Flagrante*).
- 05/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "A Revolução não vai acabar: a abertura dependerá da vitória da Arena nas eleições de novembro" (*Folha de São Paulo*).
- 06/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "Figueiredo quer dissolver a Arena e o MDB: a revolução não pode sofrer oposição nem contestação" (*O Estado de São Paulo*).
- 12/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "O que sou e o que penso" (*Veja*).
- 12/04/78. Entrevista com José Ibrahim: "Não queríamos o poder: o líder da greve de Osasco fala de 1968 e analisa a questão sindical" (*Veja*).
- 26/04/78. Entrevista com Paulo Brossard: "A abertura é já ou nunca: o líder do MDB não crê na democratização 'lenta, gradual e segura'" (*Veja*).
- 26/04/78. Entrevista com Henrique Córdova: "Como mudar os partidos?" (*Isto É*).

- 03/05/78. Debate com Arnaldo Gonçalves, Everaldo de Freitas, Luís Inácio da Silva, Mário Carvalho de Jesus, Cláudio Bardella e Paulo Francini: "Patrão x operário: empresários e trabalhadores debatem os seus problemas. E há queixas comuns" (*Isto É*).
- 03/05/78. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "A Arena e o MDB vão morrer: chorem por eles. Falharam os truques de abril. O jeito é extinguir os partidos" (*Isto É*).
- 10/05/78. Entrevista com Benedito Marcílio: "Sindicato e política hoje: todos reclamam, é sinal de que as coisas não estão certas" (*Folha de São Paulo*).
- 17/05/78. Entrevista com André Villalobos. "O estudo das contradições: o que se esconde por detrás da abertura lenta, segura e gradual?" (*Veja*).
- 24/05/78. Debate com Tancredo Neves, Paulo Brossard e Roberto Saturnino Braga: "Desconfiado, o MDB só pode esperar: Tancredo, Brossard e Saturnino discutem o futuro" (*Isto É*).
- 00/05/78. Entrevista com Edson Khair, Alves de Brito e Francisco Amaral: "O socialismo na tribuna" (*Versus*).
- 00/05/78. Entrevista com Moniz Bandeira: "Um novo PTB?" (*Versus*).
- 04/06/78. Artigo: "O futuro dos Partidos, os Partidos do futuro" (*Jornal do Brasil*).
- 16/06/78. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro e João Paulo Arruda: "Redemocratização, o objetivo comum" (*Folha de São Paulo*).
- 14/06/78. Entrevista com Herbert Levy: "São Paulo precisa votar: o ex-presidente da UDN analisa os resultados da convenção da Arena e defende a volta das eleições diretas para os governos estaduais" (*Veja*).
- 05/07/78. Entrevista com Leonel Brizola: "Esperando o regresso: o ex-governador gaúcho quer voltar ao país desde que isso não prejudique o processo de redemocratização. E pensa no velho PTB" (*Veja*).
- 09/07/78. Debate com Arnaldo Gonçalves, Benedito Marcílio e Antonio Barbosa: "A política da classe trabalhadora: líderes operários debatem a central sindical, o peleguismo e a situação política do Brasil" (*Folha de São Paulo*).
- 02/08/78. Entrevista com Leonel Brizola: "Todo mundo cabe no PTB: Brizola imagina um partido do povão e da classe média" (*Isto É*).
- 27/08/78. Entrevista com Célio Borja: "Célio Borja sugere modelo espanhol para anistia" (*O Globo*).
- 06/09/78. Entrevista com Luis Carlos Prestes: "Prestes hoje: ele fala do Brasil, faz uma autocrítica, explica o PC e se diz otimista" (*Isto É*).
- 13/09/78. Artigo de Almino Afonso: "Uma democracia direta" (*Veja*).
- 13/09/78. Artigo de Jarbas Passarinho: "O espaço entre os extremos" (*Veja*).
- 20/09/78. Entrevista com Miguel Arraes: "O regime morreu: Miguel Arraes diz o que pensa dos militares, da abertura política, dos sindicatos..." (*Isto É*).
- 22/09/78. Entrevista com Salvador Pires: "As idéias dos novos líderes sindicais: 'sozinhos, os militares não vão resolver nada'" (*Folha de São Paulo*).

- 27/09/78. Entrevista com Doucel de Andrade: "Remontando o trabalhismo: o último líder do PTB e as tentativas de reorganizá-lo face às emergentes lideranças sindicais que não aceitam seu velho estilo" (*Veja*).
- 01/10/78. Entrevista com Almino Afonso: "Povo, o pesadelo de Geisel" (*Em Tempo*).
- 08/10/78. Entrevista com João Paulo dos Reis Velloso: "Velloso: esperamos que não haja radicalização. O Brasil sempre teve uma certa sabedoria política". (*Jornal do Brasil*).
- 11/10/78. Entrevista com Francisco Julião: "Nem PTB nem PS: o ex-líder das ligas camponesas pensa em um novo partido dos trabalhadores. Sem os equívocos do antigo PTB mas ainda com Brizola" (*Veja*).
- 15/11/78. Entrevista com Joaquim dos Santos Andrade: "Sou de meia-esquerda: um partido social democrata, do tipo alemão, nos planos do presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo" (*Veja*).
- 15/11/78. Entrevista com Ivete Vargas: "Ivete, com o partido na cabeça: quem entra, quem fica de fora, qual o programa . . ." (*Isto É*).
- 22/11/78. Entrevista com Pedro Simon e Lomanto Jr.: "Como se entender: dois novos senadores, o baiano Lomanto Jr., da Arena, e o gaúcho Pedro Simon, do MDB, discutem o futuro partidário depois das eleições" (*Veja*).
- 29/11/78. Entrevista com Thales Ramalho: "O que é bom para o MDB: o secretário-geral do MDB não distingue alas no partido. Após as eleições, para ele, o fundamental é manter unida a grande frente oposicionista" (*Veja*).
- 11/12/78. Artigo de Getúlio Bittencourt: "Arena: um partido sem futuro" (*Em Tempo*).
- 11/12/78. Entrevista com Bolivar Lamounier: "Qual o recado das massas" (*Em Tempo*).
- 12/12/78. Entrevista com Severo Gomes: "A democracia dos empresários-1: Ideologia com muita cautela" (*Folha de São Paulo*).
- 13/12/78. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "MDB está sendo dinamitado para implodir em 1979" (*Isto É*).
- 13/12/78. Entrevista com José Mindlin: "A democracia dos empresários-2: estamos prontos para os riscos" (*Folha de São Paulo*).
- 14/12/78. Entrevista com Dilson Funaro: "A democracia dos empresários-3: devemos evoluir sem criar impasses" (*Folha de São Paulo*).
- 15/12/78. Entrevista com Laerte Setúbal Filho: "A democracia dos empresários-4: criar válvulas para aliviar tensões" (*Folha de São Paulo*).
- 16/12/78. Entrevista com Renato Ticoullat Filho: "A democracia dos empresários-5: é preciso reconciliar Estado e Nação" (*Folha de São Paulo*).
- 17/12/78. Entrevista com Cláudio Bardella: "A democracia dos empresários-6: devemos exercitar a democracia" (*Folha de São Paulo*).
- 20/12/78. Entrevista com Henry Maksoud: "A democracia dos empresários-Final: 'Demarquia' no lugar do autoritarismo" (*Folha de São Paulo*).

- 20/12/78. Entrevista com Afonso Arinos: “A hora do entendimento: reflexões e idéias de um velho udenista que volta à cena após suas contribuições ao projeto de reformas políticas do governo Geisel” (*Veja*).
- 20/12/78. Artigo de Francisco Weffort: “Que democratas são esses? Pois é, eles se irritam com as legítimas aspirações do Lula” (*Isto É*).
- 27/12/78. Artigo de Luiz Roberto Serrano: “Empresários e a abertura: cuidado, muito cuidado – no fundo a maioria quer apenas uma democracia empresarial” (*Isto É*).
- 24/01/79. Debate com Dante Pelacani, Raphael Martinelli, Mário Lima, Fortunato Martinelli, Francisco Molina Dias, Jacó Bittar, Luis Inácio da Silva, Armando Gonçalves e Olívio Dutra: “Operários, ontem e hoje: os líderes de 64 e os atuais discutem como seria um partido dos trabalhadores” (*Isto É*).
- 24/01/79. Artigo de Villas-Boas Corrêa: “Uma estratégia para quando o país rachar: Portella, o MDB e o projeto político do governo Figueiredo” (*Isto É*).
- 21/02/79. Entrevista com Afonso Arinos: “Não é possível evitar a abertura: a repressão estava ficando cara demais. Afonso Arinos conta como Geisel reagiu” (*Isto É*).
- 28/02/79. Entrevista com Freitas Nobre: “O MDB não é radical: o líder da bancada federal da oposição prega a unidade do partido e antecipa seu apoio às medidas do governo que favorecerem a redemocratização” (*Veja*).
- 12/03/79. Entrevista com José Sarney: “Sarney: Arena será governo na sucessão de Figueiredo; o que liquidou com o pensamento político foi o sectarismo” (*O Globo*).
- 14/03/79. Entrevista com Almino Afonso: “Estamos identificados: para Almino, PTB, frente, MDB, tudo pode dar na mesma. É uma questão de linguagem” (*Isto É*).
- 21/03/79. Debate com Heitor Alencar Furtado, Modesto da Silveira, Marcelo Cerqueira, Cristina Tavares e Adáulio Dantas: “Novos querem MDB unido” (*Isto É*).
- 28/03/79. Entrevista com Antonio Carlos Magalhães: “Os civis terão vez: o governador da Bahia fala do processo de abertura, aponta as dificuldades que esperam Figueiredo e prega o entendimento entre Arena e MDB” (*Veja*).
- 24/04/79. Entrevista com Jarbas Passarinho: “Passarinho diz que governo não abrirá mão do projeto de anistia; As dissidências do MDB são irreconciliáveis porque ideológicas” (*O Globo*).
- 06/05/79. Entrevista com Petrônio Portella: “Petrônio: eleição direta para governador é decisão presidencial; a maioria dos políticos se inclina pelo voto distrital misto” (*O Globo*).
- 07/05/79. Entrevista com Antonio Carlos Magalhães: “Antonio Carlos considera o MDB incapaz para disputar o poder: ‘a formação de verdadeiros líderes se faz na Universidade’” (*O Globo*).
- 15/05/79. Debate com David Fleischer, Prisco Viana e Humberto Lucena: “Debate conclui que partidos recuperam a importância” (*O Globo*).
- 20/05/79. Entrevista com José Sarney: “Reformulação partidária só após a anistia: presidente nacional da Arena justifica a prorrogação das eleições como forma de absorver os novos partidos a serem criados” (*Folha de São Paulo*).
- 24/05/79. Artigo de Fernando Henrique Cardoso: “Os rumos da oposição” (*Folha de São Paulo*).

- 06/06/79. Entrevista com Djalma Marinho: "Em defesa da conciliação: o homem acusado de articular o fim dos partidos defende-se; quer ser a ponte entre a força do Executivo e a representatividade do Parlamento" (*Veja*).
- 11/07/79. Artigo de Raymundo Faoro: "Um museu pré-montado" (*Isto É*).
- 01/08/79. Artigo de Francisco Weffort: "Autonomia sim, isolamento não" (*Isto É*).
- 22/08/79. Artigo de Miguel Arraes: "As minhas posições: na sua carta de Argel, ele fala sobre o novo MDB, anistia, Brizola e Lula, empresários, etc." (*Isto É*).
- 19/09/79. Entrevista com Luis Inácio da Silva: "Pelo jogo da verdade: Lula diz que brigar por comida não é subversão. E não abre mão de discutir o PT" (*Isto É*).
- 17/10/79. Artigo de Almino Afonso: "Um partido popular: uma análise da reforma partidária e uma proposta para as esquerdas e os liberais" (*Isto É*).
- 17/10/79. Artigo de Raymundo Faoro: "Morte e vida dos partidos" (*Isto É*).
- 11/11/79. Entrevista com Jarbas Passarinho: "A pior coisa que pode acontecer é a formação de apenas três partidos" (*O Globo*).
- 27/11/79. Artigo de Carlos Castello Branco: "As vertentes da oposição" (*Jornal do Brasil*).
- 27/01/80. Artigo de José Sarney: "Por que PDS?" (*O Estado de São Paulo*).
- 01/03/80. Artigo de Antonio Celso de Souza e Silva: "O pluripartidarismo, 14 anos depois" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Bolivar Lamounier: "Figueiredo e a redemocratização" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Artigo de Tarcísio Holanda: "Figueiredo está cumprindo o que prometeu" (*Jornal do Brasil*).
- 24/03/80. Entrevista com Tancredo Neves: "PDS é direita: Tancredo define PP-oposição" (*Visão*).
- 21/05/80. Artigo de Marcos Sá Corrêa: "Só falta um general: não foi para valer a reforma partidária. A decisão do TSE sobre o PTB gastou a abertura" (*Veja*).
- 26/05/80. Artigo de Flamarion Mossri: "A união das oposições" (*Jornal do Brasil*).
- 27/05/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "Só o governo pode unir a oposição" (*Jornal do Brasil*).
- 03/06/80. Entrevista com Luis Inácio da Silva: "É agora que minha carreira sindical está começando" (*Em Tempo*).
- 03/06/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "Falta de nitidez nas posições" (*Jornal do Brasil*).
- 11/06/80. Artigo de Eymar Mascaro: "Lula vai fazer política até aprender" (*Jornal do Brasil*).
- 22/06/80. Entrevista com Tancredo Neves: "Tancredo condena instabilidade da abertura" (*Jornal do Brasil*).
- 28/09/80. Artigo de Rogério Coelho Neto: "PT não precipita guerra das estrelas" (*Jornal do Brasil*).

- 10/10/80. Palestra de Golbery do Couto e Silva na Escola Superior de Guerra. "A abertura, por Golbery" (*Veja*).
- 30/11/80. Entrevista com José Sarney: "Sarney adverte que país sofrerá caso PDS perca a maioria" (*Jornal do Brasil*).
- 19/11/81. Enquete com 40 empresários: "O Empresário deve participar da Política?" (*Revista Senhor*).

2.3 Reforma Constitucional

- 19/05/76. Entrevista com Petrônio Portella: "Vivemos uma etapa decisiva: para o líder da Arena, boas instituições políticas dependem de um país 'mais igual'" (*Veja*).
- 05/02/77. Entrevista com Raymundo Faoro: "A revisão das punições não é uma solução" (*Movimento*).
- 05/02/77. Entrevista com Fernando Gasparian: "O empresário nacional conta zero na vida política do país" (*Movimento*).
- 13/04/77. Artigo de Bolívar Lamounier: "Do impasse eleitoral às artes de Penélope" (*Isto É*).
- 27/04/77. Artigo de Bolívar Lamounier e Paulo Sérgio Pinheiro: "Decifra-me, ou te devoro: até onde vai o caso das reformas políticas" (*Isto É*).
- 18/05/77. Entrevista com Emani do Amaral Peixoto: "A inevitável Constituinte: Amaral Peixoto fala das incertezas do momento" (*Isto É*).
- 08/06/77. Entrevista com Emani do Amaral Peixoto: "É hora do entendimento: às vésperas de deixar a política, o velho chefe pessedista aconselha e manifesta esperanças" (*Veja*).
- 15/06/77. Entrevista com Thales Ramalho: "Ou nos entendemos, ou... Thales Ramalho fala de um impasse antigo" (*Isto É*).
- 29/06/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "A tabela do retorno da institucionalização" (*Isto É*).
- 17/08/77. Entrevista com Luis Antônio Marrey: "Fala um estudante: a redemocratização e o movimento nas Universidades" (*Isto É*).
- 24/08/77. Entrevista com Sobral Pinto: "O espadachim Sobral: um incansável liberal fala das suas esperanças" (*Isto É*).
- 24/08/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "O penoso renovar da confiança" (*Isto É*).
- 24/08/77. Entrevista com Tancredo Neves: "É tempo de conciliação: o experiente deputado mineiro prega a convocação de uma Assembléia Constituinte" (*Veja*).
- 31/08/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Por que a farinha do MDB é indispensável" (*Isto É*).
- 11/09/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: "Cardoso não crê que democracia traga o caos" (*Jornal do Brasil*).
- 14/09/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Melhor ter projeto de menos do que de mais" (*Isto É*).
- 14/09/77. Entrevista com Pedro Simon: "Esquecer é preciso: o líder do MDB gaúcho e seu plano de paz; o que passou, passou" (*Isto É*).

- 03/10/77. Entrevista com Petrônio Portella: "Dialogar é preciso: Petrônio Portella, o homem do diálogo, fala dos objetivos de sua difícil missão e faz uma eloquente profissão de fé democrática: a estatização leva ao totalitarismo" (*Visão*).
- 05/10/77. Entrevista com Manoel Gonçalves Ferreira Filho: "Não se faz tudo de uma só vez: o vice-governador de São Paulo continua a imaginar fórmulas para tornar possível a democracia no Brasil" (*Veja*).
- 12/10/77. Entrevista com Raymundo Faoro: "Faoro: um modelo? Pois bem, a pacificação" (*Isto É*).
- 12/10/77. Entrevista com Carlos Medeiros Silva: "Uma base para reformas" (*Veja*).
- 17/10/77. Entrevista com Ulysses Guimarães: "Ulysses Guimarães sabe exatamente por onde começar o diálogo com o governo: pela Constituinte e pelo programa do MDB" (*Visão*).
- 02/11/77. Entrevista com Dom Avelar Brandão Vilela: "A Igreja e a reabertura: nem radical nem moderado, o cardeal-primaz confia na redemocratização" (*Veja*).
- 07/11/77. Entrevista com Luis Inácio da Silva: "Os frutos do diálogo" (*Movimento*).
- 09/11/77. Entrevista com Rafael Baldacci: "Projeto para Golbery: as propostas que Baldacci guarda no bolso do colete" (*Isto É*).
- 23/11/77. Entrevista com Pedro Simon: "Esperanças e certezas de Pedro Simon, emedebista sereno. A democracia, um destino" (*Isto É*).
- 30/11/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Um único candidato e uma só reforma" (*Isto É*).
- 01/12/77. Artigo de Fernando Henrique Cardoso: "O diálogo e a Constituinte" (*Folha de São Paulo*).
- 05/12/77. Artigo de Sérgio Buarque: "Portella vence a Constituinte? O saldo da missão Portella, agora oficializada" (*Movimento*).
- 07/12/77. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "O antes e o depois do discurso de 1.º de dezembro" (*Isto É*).
- 15/01/78. Artigo de Cláudio Pacheco: "O problema Constitucional" (*Correio Braziliense*).
- 00/02/78. Entrevista com Edmundo Moniz: "PS – um Partido não nasce dos gabinetes" (*Versus*).
- 05/03/78. Entrevista com Tancredo Neves: "Tancredo acha que reformas políticas são inevitáveis" (*Jornal do Brasil*).
- 05/03/78. Entrevista com Tancredo Neves: "MDB dialoga para ampliar abertura, diz Tancredo" (*O Globo*).
- 12/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "O que sou e o que penso" (*Veja*).
- 19/04/78. Entrevista com Afonso Arinos: "Não se precisa discutir mais nada: agora, só falta fazer as reformas" (*Isto É*).
- 30/04/78. Artigo: "Arinos acha reformas legítimas mesmo sem Constituinte" (*Jornal do Brasil*).
- 03/05/78. Artigo: "Exclusivo: o recado de Arinos a Geisel: o roteiro democrático de um grande liberal, entregue a Portella" (*Isto É*).

- 24/05/78. Debate com Tancredo Neves, Paulo Brossard e Saturnino Braga: "Desconfiado, o MDB só pode esperar: Tancredo, Brossard e Saturnino discutem o futuro" (*Isto É*).
- 23/06/78. Entrevista com Petrônio Portella: "O Senador e o relato do diálogo" (*O Globo*).
- 25/06/78. Artigo de Carlos Chagas: "Portella prevê a consolidação da democracia" (*O Estado de São Paulo*).
- 30/06/78. Artigo de Carlos Castello Branco. "A dimensão da liberdade" (*Jornal do Brasil*).
- 02/07/78. Artigo de Tarcísio Holanda: "Reformas: um novo pacto do poder montado em 64" (*Cinco de Março*).
- 05/07/78. Entrevista com Leonel Brizola: "Esperando o regresso: o ex-governador gaúcho quer voltar ao país desde que isso não prejudique o processo de redemocratização. E pensa no velho PTB" (*Veja*).
- 05/07/78. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "Democracia na marra ou no entendimento: reformas, o fim da linha para o galope a todo risco" (*Isto É*).
- 09/08/78. Artigo de Fernando Pedreira: "Linhas certas e tortas" (*Veja*).
- 27/08/78. Entrevista com Célio Borja: "Célio Borja sugere modelo espanhol para anistia" (*O Globo*).
- 20/09/78. Entrevista com João Batista Figueiredo e Euler Bentes Monteiro: "A verdade de cada um" (*Veja*).
- 20/09/78. Entrevista com Miguel Arraes: "O regime morreu: Miguel Arraes diz o que pensa dos militares, da abertura política, dos sindicatos . . ." (*Isto É*).
- 11/10/78. Entrevista com Francisco Julião: "Nem PTB nem PS: o ex-líder das ligas camponesas pensa em um novo partido dos trabalhadores. Sem os equívocos do antigo PTB mas ainda com Brizola" (*Veja*).
- 22/11/78. Entrevista com Pedro Simon e Lomanto Jr.: "Como se entender: dois novos senadores, o baiano Lomanto Jr., da Arena, e o gaúcho Pedro Simon, do MDB, discutem o futuro partidário depois das eleições" (*Veja*).
- 15/12/78. Entrevista com Laerte Setúbal Filho: "A democracia dos empresários: criar válvulas para aliviar tensões" (*Folha de São Paulo*).
- 20/12/78. Entrevista com Afonso Arinos: "A hora do entendimento: Reflexões e idéias de um velho udenista que volta à cena após suas contribuições ao projeto de reformas políticas do governo Geisel" (*Veja*).
- 08/03/79. Debate com Jarbas Passarinho, Paulo Brossard, Nelson Marchezan e Freitas Nobre: "Constituinte dará ao povo o direito de escolher regime. Partidos confiam na volta da democracia" (*O Estado de São Paulo*).
- 06/06/79. Entrevista com Djalma Marinho: "Em defesa da conciliação: o homem acusado de articular o fim dos partidos defende-se; quer ser a ponte entre a força do Executivo e a representatividade do Parlamento" (*Veja*).
- 22/08/79. Artigo de Miguel Arraes: "As minhas posições: na sua carta de Argel, ele fala sobre o novo MDB, anistia, Brizola e Lula, empresários, etc" (*Isto É*).

- 23/12/79. Entrevista com Tancredo Neves: "Tancredo acusa os que desejam uma república popular" (*Jornal do Brasil*).
- 12/03/80. Artigo de Villas-Boas Corrêa: "A UDN virou a Geni do Governo: para não perder a iniciativa, o governo começa a pensar na reforma da Lei Falcão" (*Veja*).
- 16/03/80. Entrevista com Afonso Arinos: "Arinos: nova carta coroará o processo" (*O Globo*).
- 16/03/80. Artigo de Tarcísio Holanda: "Figueiredo está cumprindo o que prometeu" (*Jornal do Brasil*).
- 16/03/80. Entrevista com Ibrahim Abi-Ackel: "Abi-Ackel vê perigo para abertura na fraqueza do PTB e PP" (*Jornal do Brasil*).
- 24/03/80. Entrevista com Tancredo Neves: "PDS é direita: Tancredo define PP – oposição" (*Visão*).
- 02/04/80. Artigo de Raymundo Faoro: "O debate do nó cego: pediu-se ao senador Portella o direito mais elementar de todos os direitos, o habeas-corpus" (*Isto É*).
- 04/05/80. Entrevista com Erasmo Dias: "O importante é não perder o poder" (*Jornal do Brasil*).
- 09/06/80. Entrevista com Teotônio Vilela: "Constituinte, a única saída viável" (*Movimento*).
- 15/06/80. Enquete realizada entre parlamentares e líderes políticos em geral, com base nas seguintes perguntas:
- Em que a convocação de uma Assembléia Constituinte ou a transformação do atual Congresso para esse fim ajudaria no processo de abertura política do País?
 - Modificações no sistema eleitor – como a implantação do voto distrital – seriam de fundamental importância para a institucionalização?
 - Quais os pontos de sentido prático que acha fundamentais para a ocorrência de um bom relacionamento entre as instituições? (*O Globo*).
- 12/10/80. Artigo de Carlos Castello Branco: "A reforma é para 1983" (*Jornal do Brasil*).
- 26/10/80. Artigo de Carlos Castello Branco. "Entre civis e militares" (*Jornal do Brasil*).
- 12/11/80. Entrevista com Mário Covas: "A oposição deve negociar: o presidente do PMDB de São Paulo não teme o perigo de um retrocesso político e acha irrelevante se a Constituinte será com João ou sem ele" (*Veja*).
- 27/11/80. Artigo de Luiz Orlando Carneiro: "Constituinte, colisão e crise" (*Jornal do Brasil*).
- 30/11/80. Entrevista com José Sarney: "Sarney adverte que país sofrerá caso PDS perca a maioria" (*Jornal do Brasil*).
- 03/12/80. Entrevista com Tarcísio Burity: "A Constituinte resolve: embora seja do PDS, o governador da Paraíba defende eleições diretas para presidente da República e o voto do analfabeto" (*Veja*).

3. Modelos Terminais: As Democracias Propostas

- 11/09/74. Entrevista com Paulo Brossard e Nestor Jost: "Arena e MDB na TV: Jost e Brossard numa discussão antecipada sobre temas do debate" (*Veja*).

- 19/03/75. Entrevista com Delfim Netto: "Performance do Brasil na crise, vista por Delfim Netto" (*Última Hora*).
- 24/03/75. Debate com Magalhães Pinto e Ulysses Guimarães: "O Congresso cautelosamente corajoso" (*Visão*).
- 24/03/75. Debate com José Sarney, Saturnino Braga, Fernando Henrique Cardoso e Carlos Castello Branco: "O incerto caminho até a democracia" (*Visão*).
- 04/08/75. Entrevista com Paulo Brossard: "Palavras de um bravo liberal" (*Movimento*).
- 18/08/75. Entrevista com Célio Borja: "Recado de um liberal aos empresários: na opinião do presidente da Câmara dos Deputados, Célio Borja, os empresários devem engajar-se na luta pela distensão política na defesa de seus interesses" (*Visão*).
- 29/09/75. Entrevista com Francelino Pereira. "A Arena nas mãos de um homem de muita fé: com muita fé, Francelino Pereira exorciza os maus espíritos da desconfiança e se prepara para vencer eleições" (*Visão*).
- 19/05/76. Entrevista com Petrônio Portella: "Vivemos uma etapa decisiva: para o líder da Arena, boas instituições políticas dependem de um país 'mais igual'" (*Veja*).
- 28/07/76. Entrevista com Severo Gomes: "A sociedade deve estar unida: sem institucionalizar a política, o Estado se arrisca ao 'choque com as aspirações nacionais'" (*Veja*).
- 05/02/77. Entrevista com Raymundo Faoro: "A revisão das punições não é uma solução" (*Movimento*).
- 05/02/77. Entrevista com Fernando Gasparian: "O Empresário Nacional conta zero na vida política do país" (*Movimento*).
- 23/03/77. Entrevista com Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva: "Não basta aumentar o PNB: reflexões do Ministro da Previdência sobre os rumos da política e da economia no Brasil" (*Veja*).
- 20/04/77. Entrevista com Petrônio Portella: "Portella explica os últimos dias" (*Isto É*).
- 18/05/77. Entrevista com Amaral Peixoto: "A inevitável constituinte: Amaral Peixoto fala das incertezas do momento" (*Isto É*).
- 25/05/77. Entrevista com Saturnino Braga: "Falta credibilidade: Roberto pede mais cabeças ministeriais" (*Isto É*).
- 01/06/77. Entrevista com Herbert Levy: "Salva-vidas político? Levy diz que a classe política não pode mais conformar-se" (*Isto É*).
- 15/06/77. Entrevista com Thales Ramalho: "Ou nos entendemos, ou . . . Thales Ramalho fala de um impasse antigo" (*Isto É*).
- 13/07/77. Entrevista com Paulo Diederichsen Villares: "Problemas de Comunicação: o que pensa um líder empresarial do diálogo com o governo sobre as dificuldades econômicas" (*Veja*).
- 00/07/77. Enquete com líderes sindicais: "O que pensam os sindicatos" (*CooJornal*).
- 03/08/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: "Chega de retórica: utopias e planos salvadores não nos faltam. O que falta é começar a fazer a democracia" (*Veja*).

- 03/08/77. Entrevista com Fernando Henrique Cardoso: "Democracia, simplesmente: Fernando Henrique Cardoso e o papel do intelectual e do político no Brasil, hoje" (*Isto É*).
- 24/08/77. Entrevista com Tancredo Neves: "É tempo de conciliação: o experiente deputado mineiro prega a convocação de uma Assembléia Constituinte" (*Veja*).
- 31/08/77. Entrevista com Sinval Boaventura e Eduardo Galil: "Um debate com Galil e Boaventura: acham que há comunismo? Achamos não. Temos certeza" (*Isto É*).
- 14/09/77. Entrevista com Pedro Simon: "Esquecer é preciso: o líder do MDB gaúcho e seu plano de paz. O que passou, passou" (*Veja*).
- 21/09/77. Entrevista com Luis Inácio da Silva: "Abertura? Para quem? O líder dos metalúrgicos fala de suas lutas e de outras, de ontem e de hoje" (*Isto É*).
- 03/10/77. Entrevista com Petrônio Portella: "Dialogar é preciso: Petrônio Portella, o homem do diálogo, fala dos objetivos de sua difícil missão e faz uma eloquente profissão de fé democrática: a estatização leva ao totalitarismo" (*Visão*).
- 05/10/77. Entrevista com Manoel Gonçalves Ferreira Filho: "Não se faz tudo de uma só vez: o vice-governador de São Paulo continua a imaginar fórmulas para tornar possível a democracia no Brasil" (*Veja*).
- 19/10/77. Entrevista com D. Ivo Lorscheiter: "A unidade quase perfeita" (*Veja*).
- 02/11/77. Entrevista com D. Avelar Brandão Vilela: "A Igreja e a reabertura: nem radical nem moderado, o cardeal-primaz confia na redemocratização" (*Veja*).
- 07/11/77. Entrevista com Luis Inácio da Silva: "Os frutos do diálogo" (*Movimento*).
- 23/11/77. Entrevista com Pedro Simon: "Esperanças e certezas de Pedro Simon, emedebista sereno. A democracia, um destino" (*Isto É*).
- 18/01/78. Entrevista com Delfim Netto: "Delfim diz que está na política pela democracia" (*Jornal do Brasil*).
- 01/02/78. Entrevista com Luiz Inácio da Silva: "A liberdade deve ser conquistada: Lula fala do MDB, da Igreja, dos estudantes, do PTB, dos pelegos e das suas esperanças" (*Isto É*).
- 01/03/78. Entrevista com Karlos Rischbieter: "O direito de dar opinião: o presidente do Banco do Brasil fala em 'repensar e reavaliar' o modelo brasileiro" (*Veja*).
- 08/03/78. Entrevista com Delfim Netto: "Inconveniente? Eu não . . . Restrições a Delfim Netto? O candidato ao governo paulista não acredita nisso" (*Isto É*).
- 22/03/78. Debate com Einar Kok, Laerte Setúbal, Luís Eulálio Bueno Vidigal, Ayrton Girão, Paulo Francini e Cláudio Bardella: "Democracia mas como? O que pensam hoje alguns dos empresários que há um ano já pediam abertura?" (*Isto É*).
- 05/04/78. Entrevista com João Batista Figueiredo: "A eleição de novembro vai abrir o horizonte" (*Isto É*).
- 12/04/78. Entrevista com José Ibrahim: "Não queremos o poder: o líder da greve de Osasco fala de 1968 e analisa a questão sindical" (*Veja*).
- 10/05/78. Entrevista com Benedito Marcílio: "Sindicato e política hoje: 'Todos reclamam, é sinal de que as coisas não estão certas'" (*Folha de São Paulo*).

- 05/07/78. Entrevista com Leonel Brizola: “Esperando o regresso: o ex-governador gaúcho quer voltar ao país desde que isso não prejudique o processo de redemocratização. E pensa no velho PTB” (*Veja*).
- 06/08/78. Debate com Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro e Cláudio Lembo: “No debate a proposta: fim da lei Falcão” (*O Estado de São Paulo*).
- 27/08/78. Entrevista com Miguel Arraes: “Democracia é o único caminho, diz Arraes” (*O Estado de São Paulo*).
- 12/09/78. Entrevista com Jarbas Passarinho: “Passarinho diz que a vitória do MDB não trará prejuízos” (*Jornal do Brasil*).
- 20/09/78. Entrevista com João Batista Figueiredo e Euler Bentes Monteiro: “A verdade de cada um” (*Veja*).
- 20/09/78. Entrevista com Miguel Arraes: “O Regime morreu: Miguel Arraes diz o que pensa dos militares, da abertura política, dos sindicatos . . .” (*Isto é*).
- 27/09/78. Entrevista com Doulet de Andrade: “Remontando o trabalhismo: o último líder do PTB e as tentativas de reorganizá-lo face às emergentes lideranças sindicais que não aceitam seu velho estilo” (*Veja*).
- 11/10/78. Entrevista com Francisco Julião: “Nem PTB nem PS: o ex-líder das ligas camponesas pensa em um novo partido dos trabalhadores: sem os equívocos do antigo PTB, mas ainda com Brizola” (*Veja*).
- 12/11/78. Entrevista com Célio Borja: “O primeiro dever do Congresso é modificar a Constituição” (*Jornal do Brasil*).
- 15/11/78. Entrevista com Joaquim dos Santos Andrade: “Sou de meia-esquerda: um partido social-democrata, do tipo alemão, nos planos do presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo” (*Veja*).
- 22/11/78. Entrevista com Pedro Simon e Lomanto Júnior: “Como se entender: dois novos senadores, o baiano Lomanto Júnior, da Arena, e o gaúcho Pedro Simon, do MDB, discutem o futuro partidário depois das eleições” (*Veja*).
- 29/11/78. Entrevista com Thales Ramalho: “O que é bom para o MDB” (*Veja*).
- 12/12/78. Entrevista com Severo Gomes: “A democracia dos Empresários – 1: Ideologia com muita cautela” (*Folha de São Paulo*).
- 13/12/78. Entrevista com José Mindlin: “A democracia dos Empresários – 2: Estamos prontos para os riscos” (*Folha de São Paulo*).
- 14/12/78. Entrevista com Dilson Funaro: “A democracia dos empresários – 3: Devemos evoluir sem criar impasses” (*Folha de São Paulo*).
- 15/12/78. Entrevista com Laerte Setúbal Filho: “A democracia dos empresários – 4: Criar válvulas para aliviar as tensões” (*Folha de São Paulo*).
- 16/12/78. Entrevista com Renato Ticoullat Filho: “A democracia dos empresários – 5: É preciso reconciliar Estado e Nação” (*Folha de São Paulo*).
- 17/12/78. Entrevista com Cláudio Bardella: “A democracia dos empresários – 6: Devemos exercitar a democracia” (*Folha de São Paulo*).

- 20/12/78. Entrevista com Henry Maksoud – final: “A democracia dos empresários: ‘Demarquia’ no lugar de Autoritarismo” (*Folha de São Paulo*).
- 27/12/78. Entrevista com Aureliano Chaves: “O dever da conciliação: o futuro vice-presidente da República antecipa suas tarefas e prega um entendimento profundo entre o governo e a oposição” (*Veja*).
- 00/12/78. Entrevista com Miguel Arraes: “*Pasquim* entrevista um exilado sem mágoa e sem rancor” (*Pasquim*).
- 24/01/79. Debate com Dante Pelacani, Raphael Martinelli, Mário Lima, Fortunato Martinelli, Francisco Malina Dias, Jacó Bittar, Luís Inácio da Silva, Armando Gonçalves e Olívio Dutra: “Operários, ontem e hoje: os líderes de 64 e os atuais discutem como seria um partido dos trabalhadores” (*Isto É*).
- 04/02/79. Entrevista com Ulysses Guimarães: “Ulysses insiste na volta à plenitude democrática” (*Folha de São Paulo*).
- 04/02/79. Entrevista com José Sarney: “Sarney recorda que o país apenas começou a transição” (*Folha de São Paulo*).
- 28/03/79. Entrevista com Antonio Carlos Magalhães: “Os civis terão vez: o governador da Bahia fala do processo de abertura, aponta as dificuldades que esperam Figueiredo e prega o entendimento entre Arena e MDB” (*Veja*).
- 13/05/79. Entrevista com José Sarney: “Para Sarney é hora da divisão do bolo; alternância no poder, um objetivo” (*O Estado de São Paulo*).
- 21/05/79. Entrevista com Célio Borja: “Governo e oposição necessitam do diálogo: Figueiredo foi claro sobre suas intenções” (*O Globo*).
- 24/06/79. Enquete com empresários: “Figueiredo ganha confiança nos 100 primeiros dias” (*Jornal do Brasil*).
- 12/09/79. Entrevista com Miguel Arraes.
- 23/12/79. Entrevista com Tancredo Neves: “Tancredo acusa os que desejam uma República Popular: o que pensa o líder do PP” (*Jornal do Brasil*).
- 22/06/80. Entrevista com Tancredo Neves: “Tancredo condena instabilidade da abertura” (*Jornal do Brasil*).
- 12/11/80. Entrevista com Mário Covas: “A oposição deve negociar: o presidente do PMDB de São Paulo não teme o perigo de um retrocesso político e acha irrelevante se a Constituinte será com João ou sem ele” (*Veja*).
- 30/11/80. Entrevista com José Sarney: “Sarney adverte que país sofrerá caso PDS perca a maioria” (*Jornal do Brasil*).
- 03/12/80. Entrevista com Tarcísio Burity: “A Constituinte resolve: embora seja do PDS, o governador da Paraíba defende eleições diretas para presidente da República e o voto do analfabeto” (*Veja*).